ANTROPOPHAGYA



MARIUS ARTHORIUS

MARIUS ARTHORIUS

ANTROPOPHAGYA

Entre o céu e o inferno

Campos Novos/SC
Mario Arthur Favretto
2010

A787a Arthorius, Marius
Antropophagya: entre o céu e o inferno. Campos Novos/SC: Mario Arthur Favretto. 2010.

213 p.

ISBN 978-85-922418-2-7

1. Poesia – Literatura Brasileira I. Título

CDD – 869.1

Dedicado a Emili Bortolon dos Santos.
Sem ela nenhuma dessas palavras seria real.

Agradecimentos

A minha família pelo apoio.

A minha amada: Emili, minha musa inspiradora, que sempre me incentiva a lutar pelos meus sonhos.

Aos amigos: Cleiton J. Geuster, Vanessa B. Rovea, André Zarpelon, Geovana Antunes, Tiago Zago, Cristiano Bernardi, Vagner Piccoli, Cristiane Baretta, amigos de todos os momentos.

Aos novos amigos: Márson Alquati, sempre fornecendo ajuda, críticas e sugestões, Peter Menegat, Louise Oliveira, Marcelo D. Amado, Evandro Guerra, Mensageiro Obscuro.

A lista seria maior, mas se tornaria muito extensa, existem inúmeras outras pessoas a quem eu deveria agradecer, se não te inclui aqui, saiba que também sou grato a você. Mesmo que seja um leitor que eu não conheço e pousou os olhos sobre estas páginas.

Prefácio

Ao nos depararmos com o título deste livro, logo imaginamos que nele estão contidas palavras que deixam rastros sanguinários, e nenhuma amostra vital. No entanto, é em seu título que está o que se oculta por entre as linhas desta suntuosa obra, os dois estágios em que uma pessoa pode encontrar-se durante seu ciclo terráqueo: a vida e a morte.

Marius Arthorius tem grandes semelhanças com o poeta pré-modernista Augusto dos Anjos, que deixou seu nome enraizado na história literária brasileira desde o início do século XX. Assim como Augusto, Marius é possuidor de um estilo diferenciado ao compor seus versos. Usa uma linguagem científica muito bem planejada e estruturada, com elementos que vão desde um átomo até multiversos. Além, é claro, da temática mais freqüente em seus poemas, a morte.

Inspirado no Manifesto Antropófago composto por Oswald de Andrade, o autor procura compor poemas de diversificados sentimentos aliados a criticas à sociedade, criando uma obra ímpar. Uma peculiar característica de Marius é deixar a critério do leitor a percepção de simbologias com um significado a ser compreendido.

Antropofagia. Degustação de carne humana. Aqui estão folhas impressas para não serem simplesmente lidas. Parafraseando o próprio autor: “Devore cada palavra como se estivesse em um ritual antropofágico”, onde cada naco de carne seria a absorção dos sentimentos e conhecimentos contidos nesta obra. Deixe-se compartilhar os sentimentos do autor. Viva, ame, odeie, morra. Pois como enunciaria Oswald de Andrade, *Só a Antropofagia nos une.* Culturalmente.

Emili Bortolon dos Santos

Antropofagia I

Mordendo e rasgando
A perfumada pele humana
Arrebentando com as tradições
Alimento meu corpo
Com a carne de meus semelhantes
Digestão nefasta e adorada
Rompendo os tendões
Que sustentam os seres
Que compõe o esqueleto da sociedade
Originada de embrião deformado
Considerada perfeita e normal
Nada muito usual
Estrutura abortada
Que não sustenta a si mesma
Fadada a morrer
Da natureza originada
Placenta pútrida e ensangüentada
Envolve e sufoca a criança originada
Que denominada foi
De Sociedade
Devorem a sociedade estagnada
Permitam que ela rume ao Nada

Antropofagia II

Espesso fluído corpóreo que flui através do corte
Entrada para a morte, útero criador da vida
Encharcado pela fúria sanguínea
Arrebentado pela lâmina, nenhuma vida será gerada
As moscas parasitas se aproximam depositam seus ovos
Local que originará vermes
Vermes devoradores da esperança
Destruidores de felicidade alheia
Corroendo os pilares da vida
Massas de vermes marcham abaixo da pele
Destruindo tudo que encontram
Obedecendo e corroendo, alimentando seus estômagos
Com a carne viva e pulsante
Tal como as massas sociais
Que marcham na ignorância
Destroem seu útero criador
Rompem-lhe as veias e artérias
Banham-se em seus fluídos
Como se estivessem possuídos
Deliciam-se com as fétidas fezes
Espalhando seu odor, regurgitando com a dor

Antropofagia III

Loucura, insanidade, psicopata sanguinário
Demônio antropofágico
Devorador carnal
A loucura de destruir a realidade
Esperança origina sofrimento
Esqueça a esperança
Pois aqui você não a encontrará
Portanto seu sofrimento acabará
Mesmo que com a morte
Você tenha que casar
Será melhor do que o tormento
De com a esperança estar
Sufocando-se com os dogmas
Impostos pela sociedade
Perfure seus pulmões
Libere o escuro liquido canceroso
Deixe o ar circular pelos cortes
Com sangue coagulado
Bloqueando os ferimentos
Arranque seus sentimentos
Da profundeza visceral
Do seu encéfalo animal

Perante os astros

Hoje a Lua se escondeu
Perante sua beleza ela emudeceu
Amanhã quando o sol nascer
Do alvorecer ao anoitecer
Este há de acariciar sua pele
Aquecê-la, iluminá-la
Ele é um astro possuidor de sorte imensa
Por poder vê-la todos os dias
Sempre estando em sua presença intensa
Com toda a felicidade que tu irradias
Se amanhã a Lua aparecer
E seu refúgio abandonar
Perante você será um cadáver a falecer
Será aprisionada em um túmulo milenar
Que o Sol há de selar

Sonhar

Anoiteceu, o dia encontra sua morte
Sonho e imaginação
Não que eu me importe
Mas este sonho gerou uma reação
Trata-se de um sonho obscuro
Que aniquilou minha respiração
Desta enfermidade eu não me curo
Minhas células estão em putrefação
O mundo tornou-se taciturno

Jardim

Se o mundo fosse um grande jardim
E como flores as pessoas estivessem a sorrir
Pedirias que desse uma gadanha para mim
Ceifaria cada flor que ousasse florir
Não esperes o que está por vir
Irracionais são os louvores
Pelo ar serão espalhados os pútridos odores
Da putrefação de suas anteras
Vem a morte que tu esperas

Personificação divina

Como a vida é mais doce em sua presença
As cores do mundo parecem mais intensas
O coração bate mais rápido
Tudo se torna iluminado
O mal parece não existir
E tudo parece um sonho
Sonho do qual ninguém quer acordar
Sua voz, tão doce
Soa como música para meus ouvidos
Cântico angelical, belo e melodioso
És em si um conjunto harmonioso
Como não há igual
Entre o céu e a terra
Muitos afirmaram não existir ser perfeito
Muitos disseram que a perfeição seria deus
Eu repudio essas pessoas
Pois não sabem o que dizem
Afirmam que a perfeição e a beleza
Estão nos olhos de quem vê
Se assim é
Então para mim há apenas um ser vivente
De tamanha perfeição
Uma mulher angelical incomparável
Ilumina minha vida como um sol

Presença da Morte

A cada dia que passa
O tempo segue seu rumo
Quanto mais ele avança
Parece que mais eu me aprumo
Aumentando o furo dessa lança
Que meu coração transpassa
É como se o mundo parasse
Somente o momento importa
Para esse demônio que renasce
Que bate em minha porta
O frio do inverno não faz efeito
É inexistente, insignificante
Pois o fim jaz em meu leito
Neste momento torturante
Esmagas o meu coração
O sangue escorre pelo chão
Das palavras ditas todas ecoam
Marcadas pela eternidade
Em universos alheios elas ressoam
Até que o tempo deixe de ser tempo

Paraíso

Afinal afirmo
Que, de fato, existe um paraíso
Não acima de nós
Não um paraíso metafísico
Baseado em crenças
Mas aqui mesmo, na terra
Este paraíso é em sua presença
Seja com palavras ditas
Seja em silêncio
Estar em sua presença
Eis o que importa
Tal como estar em um paraíso
Olhar em seus olhos
A felicidade em seu rosto
Sensação incomparável
Pegar em sua mão
Pele macia como seda
Abraçar-te, sentir o doce sabor de seus lábios
Radiante sentimento
O ápice da felicidade humana

Melodias ao vento

Sentimentos dançando ao
vento
Tal como flores em um dia
ensolarado
Refletindo beleza e paz
Doce presença, mais que
humana
As noites agora são eternas
Os dias não são mais
iluminados
Quando o vento marca
presença
Este proclama melodias
Cantigas que falam de minha
pessoa
Enterrado entre os vermes
Até os astros do céu, fixos ao
firmamento
Vislumbram minha presença
E lamentam-se
Por não terem me matado
antes

Saudades

E quando vejo teu semblante
Sinto-me ser elevado às
alturas
Reino de paz
Os risos em tua presença
Marcados para sempre
Eterna felicidade
Duas aves que se encontram
no céu
Enamorados que se
encontram
Sob a luz do luar
Proclamando palavras de
amor
O brilho de seu olhar
Saudades de sua presença
angelical

Das palavras e da felicidade

Os ventos podem soprar contra nossa vontade
Os mares revoltos podem tentar nos afogar
Os espinhos podem nos arranhar
Podemos cair e nos machucar
Mas nunca desistir
Pois se for necessário ir além dos céus
Para em sua presença estar
Então afirmo que
O objetivo será o horizonte
E o limite será além dos céus
Se for preciso queimar nas chamas infernais
Em eterno tormento
Para assim poder olhar-te nos olhos
Então que assim seja
Por vezes palavras fluem como chuva torrencial
Banhando nossas conversas
Regando os sentimentos que crescem vistosos
Enraizando-se fortemente
Expandindo-se para as alturas
Por vezes, entretanto, a chuva para
As palavras tornam-se escassas
Mas não representa tristeza
Pois após a chuva
Surge então um arco-íris
Cores compostas pela felicidade

Reflexos de quem ilumina nossas vidas
Mil palavras podem ser ditas
Para representar o que se sente
Só que vidas não se constroem apenas com palavras
Um gesto pode representar tudo o que há de belo
Tudo que está contido em milhares de palavras
E como tal
Estar próximo de você
Mesmo que as vezes em silêncio
Vale mais do que dezenas de milhares de palavras
Sentir sua presença
É como nascer para uma nova vida
Sem tristezas e sem aflições
Sem receios do amanhã
Pois quando vejo teu semblante
Sinto-me ser elevado às alturas
Reino de paz e tranqüilidade
Eterna felicidade

O tempo

O vento sopra
A noite se faz presente
Os seres escondem-se em seus recintos
Aguardando um novo dia
Todos esperam pelos tempos vindouros
Nas caudalosas correntes da vida
Nunca sabemos o que o tempo nos reserva
Apenas esperamos
Aguardando que nossas ações do presente e do passado
Sejam as necessárias para um futuro melhor
Afinal não seriam passado, presente e futuro
Meras ilusões?
Dos atos feitos e desfeitos
Em seus mais variados feitios
Dentre todos estes
Aqueles em sua presença
São com toda certeza os mais belos
Pois não há ser em sã consciência
Que não se curve para tua passagem
Como uma rainha das terras do sul
Deusa celeste, derrama sobre mim sua glória
Para que em tua presença
Eu continue a perder-me em pensamentos
Balbuciando palavras, expressando sentimentos
Divagando olhares, filosofando alheio

O contratempo

O vento não sopra mais
O sol já nasceu
Percorre seu caminho pelo céu azulado
Em seu ciclo incansável
Os seres, antes ocultos
Agora gorjeiam e pululam pelas matas
Os tempos pelos quais antes ansiavam
Já não se fazem presentes
Agora, esperam por novos tempos
Nadando imersos nas ilusões
Temporais e atemporais
Sinfonia da entropia
Regido pelo caos
Somente em tua presença
No vazio existencial
Destroem-se os males desta terra
Ó personificação divina
Sob o manto de tua glória
Diante do brilho de teu olhar
É que a eternidade se faz presente

Da vida e da morte

Existir e morrer
Melhor nem ser
Quem dirá querer
Fruto do saber
Perante o amanhecer
Enlouquecer
Ao meio-dia adoecer
Ao anoitecer
Falecer
Finalmente morrer
Apodrecer
Desfazer
Deixar de ser

Contraponto

Vida
Todo o imenso brilho da escuridão
Toda a escuridão do imenso brilho
Toda a tristeza na felicidade
Toda a felicidade na tristeza
Todo o riso no choro
Todo o choro no riso
Toda a morte na vida
Toda a vida na morte
Morte

Enlouquecer

Pelos caminhos da cidade
Encontro a insanidade
Mas não tenho idade
Para esta felicidade
Nem maturidade
Para a tranqüilidade
Somente irritabilidade
Irresponsável com responsabilidade
Fruto de minha mentalidade
Avançada idade
Logo mortalidade
Fruto da fatalidade
Quem dera ter grandiosidade
Para alcançar a insanidade

Doce amada

Ó doce amada, flor deslumbrante
Composta de pétalas imaculadas
Que encanta minha existência
Diante de você sou beija-flor
Ave audaz
Que encontra em você o néctar da alegria
Do qual ninguém me tiraria
E nem mais sofreria
Enfim, apenas viveria
Esta bela sinfonia
A que chamam vida
Ó doce amada, quando estamos juntos
Um encontro cósmico
Sou como a Terra
Que permanece orbitando
Perante você, sol que ilumina minha vida
Nesse imenso universo
Dentre todos os universos
Mesmo que sem versos
Tu és o centro de minhas atenções
E onde estaremos em toda essa imensidão?
Estaremos entre a ternura e a afeição
Amabilidade e afabilidade
Eis o lugar em que nos encontramos

Te amar

Se questiona a si mesma
Em que acreditar
Força onisciente acima
Melhor nem pensar
Acredite em si mesma
Se assim necessitar
Pois se existe uma divindade
Que nos trás tranqüilidade
Ou talvez felicidade
Esta, é você
Não que eu deva merecer
Mas lhe faço saber
Que se for para acreditar
E assim até a sonhar
Que seja acreditar em você
E sonhar com você, pois se a divindade
É quem nos trás tranqüilidade e felicidade
Então tu és minha deidade
Em você encontro tal qualidade
Entre outras a qualidade de gostar
E até de te amar
Mesmo que tenha que me envergonhar
Não deixarei de me declarar
Pois só assim poderei enfim te amar

A Morte sorri

Envoltos pelo véu da noite
Sob o olhar das estrelas
Os cânticos de uma coruja
Espalham-se pelo ar
A brisa afável
Acaricia sua pele
Longe dos olhares alheios
Sem preocupações
Apenas vivendo
Afetuoso envolvimento
Sua presença tão carinhosa
Nos momentos em que
Meu olhar encontra o seu
Sente-se uma agradável ternura
Quem me dera eu pudesse lhe retribuir
A felicidade que tu me proporcionas
E fazer-te sentir a felicidade que eu sinto
Ao te olhar nos olhos
E ver que não passas de um espelho
Colocado em meu caixão
Para que eu admire minha putrefação
Decomposição que instalou um sorriso
Nos meus lábios que não mais existem
E a morte retribui meu sorriso

Você

O sol já brilha alto
Perdido no tempo
Seguindo seu ciclo, a Terra viaja pelo cosmos
E eu envolto em meus pensamentos
Racionais e sentimentais
Imaginação e sonho
Lado a lado
Ora dispersos, ora misturados
Com a realidade
E nesta eu encontro você
Gloriosamente encontro, você
Como as águas de um rio que seguem seu ciclo
Buscando por seu objetivo de alcançarem o oceano
Assim eu sigo, buscando sua divina
Mais que etérea presença

Sentimento I

Não há como evitar
Se apenas ao te olhar
Meu coração começa disparar
Batendo acelerado
Como se estivesse apressado
Ao me aproximar de você
Sinto-me ser invadido por tamanha felicidade
Sentimento que nunca senti por nenhuma outra pessoa
Se minha consciência dominasse o "eu"
Então gritaria para o mundo
E até para o além-mundo
Tudo o que sinto por você
Se esse ato eu fosse medir
E até o tempo, senhor de tudo
Há de assentir
Que eu acabaria por gritar durante anos e anos
Até que o tempo deixasse de ser tempo
Como tal não ocorre
Pois o tempo não morre
Permaneço perdendo-me em palavras
Destilando e liberando os sentimentos que tenho Por você
Como um rio perene, que nunca para de fluir
Vertendo eternamente
No universo da mente

Flor do Sul

No sul
Em terras de céu azul
Terra de ares e águas puras
De naturezas incomparáveis
Local em que vagueia minha mente
Nestas terras encontrei você
Flor do sul
Tu permaneces florida o ano todo
Todos os anos
Seu perfume me rodeia
O que seria do sul
Sem tu?
Se tu és aquela que alegras os dias
E as noites
Com quem eu aprendo
E nunca me arrependo
Flor que vive no sul

Sentimento II

Dentre todos os universos
Em especial neste universo
É que rimo meus versos
Vislumbrando seu olhar
Segurando tua mão, sua face radiante
Não há nada mais cativante
Do que estar próximo a você
Assim o tempo passa
Quanto mais eu conheço você
Mais se desenvolve o que sinto por você
Afinal, sentimentos são como plantas
Para que cresçam, devem ser cultivados
Regados com afeto, adubados com emoção
Uma mútua compreensão
Conciliando razão e emoção
Então é isto o que chamam paixão?
Conhecer alguém especial
Além do nível habitual
Além do nível de simples amizade
Conhecendo gostos e desgostos
Entre palavras e caricias
Aprendendo a confiar
Aprendendo a compartilhar
Alguém com quem se possa contar
Mas principalmente alguém que se possa amar

Vida

Da vida, o que eu digo
Nada há após ela
Então, vivamos
Aproveitando cada instante
Pois o passado se foi e não mais voltará
Eternamente presos no presente
Acorrentados a ele
Ansiando pelos tempos vindouros
Não há motivos para temer as palavras necessárias
Ocultá-las pode ser pior
Palavras tolas é que devem ser evitadas
Preocupamo-nos com os erros do passado
Com os atos do presente
E com a obscuridade incerta do futuro
Muitas vezes esquecemos de viver
Um momento vivenciado com alguém que gostamos
Vale para a vida inteira
Enche a vida de alegres recordações
Apagando assim as tolas preocupações
Próximo a você
Passado, presente e futuro se misturam
Numa dança além do tempo
Em que a vida domina a cena
Bela personificação divina

Para a livre-pensadora

Então tu estás a se tornar
Uma livre-pensadora
Quebrando dogmas que lhe foram impostos
Assim tu prossegues
Digo-lhe que se eu te passei conhecimento
Saiba que você também
Muito tem me ensinado
Um crescimento conjunto
Assim é e assim será
Momentos de sorrir, momentos de aprender
Não uma barreira um para o outro
Mas sim um apoio, um estímulo, um incentivo
Para que possamos continuar
Seguindo em frente
Saiba que para qualquer coisa que você precisar
Eu estarei aqui, eu, aquele que tanto pensa em você
Que se preocupa para que tudo esteja bem contigo

Flor

Linda flor que habitas este jardim
Ao qual chamamos Terra
Cavalgando pelo cosmos
Na imensidão quase infindável do universo
Flor perante a qual sou beija-flor
Voando ao seu encontro
Emanando cânticos
Expressando em palavras e atos
Tudo o que sinto por você
Tu com quem tanto tenho aprendido
Sobre os tempos vindouros
E sobre compartilhar momentos e pensamentos
Tu és uma pessoa de índole rara
De caráter e opiniões próprias
Questiono-me se não estou sonhando
Por ter encontrado alguém como você
Mas vejo que não é um sonho
A realidade tornou-se bela e agradável
Pois contigo divido meus sonhos
Dos quais muitos estão se tornando realidade
Desde que conheci você

Tempo dominador

Ah! Tempo que nos domina
Contamos os segundos e os minutos
Apenas esperando
Para ver a pessoa amada
Mas o tempo é impiedoso
Desloca-se lentamente
Deixando-nos tristemente
Apenas com a companhia do luar
As estrelas, as quais nos invejavam
Por estarem sozinhas e distantes
Agora riem por eu também estar
Sozinho e distante
Longe daquela que para mim
É um sol e uma lua
Estrela radiante
Resta apenas aguardar
Que o tempo seja piedoso
Mova-se menos vagaroso
Para que diante de você
Eu possa estar novamente

Ciclos

Como a chuva que caí
Seguindo seu ciclo na natureza
Assim seguimos nós
Seguindo ciclos em nossas vidas
A cada ciclo que termina
Um novo se inicia
E deles, o maior é a própria vida
O qual após terminar
Não mais se reinicia
Estando nesse ciclo
Que chamamos vida
É que afirmo, o quanto te admiro
O quanto aprecio a pessoa que você é

Er Ar

Er
Fazer
Refazer?
Tanto o que dizer
Muito bem dizer
Crescer, aprender e saber
Adorar e amar
Admirar
Ar

Alegrias dos dias

Toda a claridade da noite
Toda a escuridão do dia
Contrapontos
Divagando nos recantos da mente
Onde certezas enfrentam incertezas
E o caos abomina os pensamentos
Somente uma imagem
Traz ordem para tal desordem
É a imagem de teu semblante
O som de tua voz
Ó aquela que alegra meus dias
Pois em teus braços
Se encerra meu mundo
Fecha-o e completa-o
Com o brilho de teu olhar
A encarar meus olhos
Nada mais é necessário
Nem mesmo o tempo
Ser cruel que nos controla
Ousa interferir quando
Em sua presença encontro-me
Ó aquela que ilumina minha vida

Senhor do Universo

Pois se fosse para lhe dar
Algo realmente grandioso
Que representasse tudo que sinto por você
Então somente poderia lhe dar o universo
Alguém já se proclamou senhor do universo?
Creio que não, há apenas senhores da terra
Proclamo-me então senhor absoluto do universo
E a você entrego tal presente
A ti entrego o que me pertence
O universo e tudo que nele está contido
Por eu estar também contido nele
Acabo por me entregar a você
Junto com o universo que fui dono
E que agora a você pertence

A Vida

A Vida. Seria ela o bem mais precioso que temos?
Única e especial, apenas uma chance
Inúmeras batalhas da guerra rumo à morte
Quantas pessoas nós encontramos nesse caminho?
Quantas realmente são especiais? Poucas
Não importa que sejam poucas
Pois para mim, você é uma destas pessoas
Destas de índole difícil de se encontrar
Do tipo que temos que garimpar e garimpar
Até enfim encontrar
Vale mais do que ouro
Vale mais do que diamante
Pois oferta a felicidade, a sabedoria e a companhia
Tu és tal pessoa, que torna a vida mais bela

Te Adorar

Ah! Imaculada perfeição
Na qual perco-me em inspiração
Mil pensamentos me vêm a mente
Mil imagens de tua pessoa
Inúmeros sons de tua voz
Repercutem em minha mente
A sensação de acariciar sua pele
Sob a luz do luar, no silêncio noturno
Em tais momentos
Meus dedos não vencem escrever todas as palavras
O vocabulário torna-se insuficiente
Para expressar tudo o que se pensa
Escrever, poetizar, filosofar
Te adorar

Sentir falta

Em sua ausência, as trevas
Nefastas e malévolas
Recobrem minha mente
Acompanhadas da vil criatura
Chamada “Saudade”
Seria ela realmente tão má, vil e cruel?
Talvez não, talvez por fazer sofrer
Possa parecer má
Afinal ela é originada por um sentimento bom
Sentimento doce, acompanhado de lembranças
Então assim a saudades se impregna em mim
Percorre as veias do meu corpo
Fazendo-me pensar em você
Pois por você sinto o que jamais
Senti por ninguém

Divindade Celeste

Ó divindade celeste
Que percorre estes céus e estas terras
Controladora da vida e da morte
Tu és a deusa para a qual se ofertam corações?
O coração metafórico no qual se encontram
Os sentimentos humanos de nossas vidas
Se assim desejas, que assim seja
Em sacrifício entrego a ti meu coração
Ó divindade celeste
Aceites tal oferenda
Para que assim em sua companhia
Eu possa permanecer
E contigo percorrer
Estes céus e estas terras
Por todos os cantos e recantos

Você

A beleza e a inteligência
A sabedoria e a perfeição
A sinceridade e a compreensão
Reunidas em uma única pessoa
Assim é
Que iluminado sou eu
Por desfrutar de momentos com tal pessoa
Por compartilhar minhas palavras com tal pessoa
Que iluminado sou eu
Por ter tido a honra de ilustrar tal pessoa
E provado do doce sabor de seus lábios
Quem é tal pessoa que tanto bem me trouxe?
Quem é tal pessoa que tanto me encanta?
És tu
Que derramas sobre mim a honra de tua atenção
A honra de ter minhas palavras diante de teus olhos

Vislumbrar-te

Quem dera ter asas
E voar suficientemente rápido
Para olhar-te neste instante
Quem dera parar o tempo
Para diante de você permanecer
Muito além do tempo
Quem dera... demasiado humano
Demasiado poético?
Quem me dera...
Já tenho o que quero?
Nem mesmo eu sei
Quem dera ter todas as respostas
Mas em especial
Quem dera...
Vislumbrar-te neste instante

Adormecer

E agora, adormecer
Para então sonhar
Talvez eu possa te ver
No mundo do sonhar
Para após acordar
Quando mais um dia raiar
E então novamente aguardar
Pelo futuro esperar
E desejo-lhe que muito bem você possa adormecer
Majestosamente possa você sonhar
Pois amanhã o sol terá a honra de te encontrar
Quando este raiar
Eu estarei aqui, apenas a pensar
Continuando a te amar

Poeta Errante

Perante o sol e abaixo do
firmamento
Sou poeta errante
Tentando um melhoramento
Tornando-me um ser
pensante
Somente com tuas palavras
E em tua presença
Completo-me
Na busca de meus objetivos
Procuro pelos adjetivos
Para descrever teu esplendor
Reafirmo então tudo que já
lhe disse

Primavera

Como bela orquídea que floresce
Assim se desenvolve sua imagem em minha mente
Tu és um dia de primavera
De agradáveis momentos
Atraindo o olhar daquele que te admira
Encantando o ambiente com teu perfume
Por onde tu passas transforma os gélidos ambientes
Em adoráveis estações
Sopre sobre mim as brisas da primavera
Para que eu te acompanhe ao longo das estações
Em um eterno crescimento
Florescendo dia após dia

Você II

Mundo inacabado
Mundo contrafeito
Imperfeito?
Mas tornou-se tão bem feito
E muito mais perfeito
Após ter te conhecido
Vida que prossegue
Por tantos caminhos que
segue
Pedregosos caminhos
Tornaram-se tão mais
proveitosos
Após ter te conhecido

Inspiração

Pois então essa é a vida
Proclamar e declarar
Apaixonar
Alguém em quem inspirar
Tu és musa inspiradora
Arrebatadora
Tu que acalma os meus
demônios
Que doma as minhas feras
A mais bela
Que já andou por estas terras
Fonte da felicidade
A perfeição
Desta vasta imensidão

Mente livre

Acima e abaixo da terra
O imenso universo
Com suas evoluções
E revoluções
Nossa imaginação
Nos leva aos recantos mais afastados
Ao longe, distante desta terra
Talvez haja um lugar
Em que nossas mentes possam caminhar
Livres de qualquer carga que as acorrente
E melhor olhando
Pode aqui mesmo existir tal lugar
Na companhia de quem gostamos
E de quem compreende nosso pensar
Assim é estar ao seu lado
Uma mente livre

Caminhando

Admiração e adoração
Responsáveis por tal ação
Gerando nas profundezas da mente
Esta doce sensação
Ah! Os dias vindouros
Consagrando nossos louros
Quando ao futuro chegarmos
Olharemos para trás, ao passado
Refletiremos sobre nossas ações
Para tudo que aprendemos
E tudo que entendemos
Veremos, pois, que a vida
Nossos atos para vivenciá-la
Foram valorosos a cada momento

Explodindo

Sol que devasta minha pele
Que queima minhas entranhas
Neste congelante fogo do
inferno
Buraco negro infindável
Que oscila esta terra
Despedace-me no espaço
Leve-me para aquela
Que me fornece a alegria
Explodindo no vácuo
Assim faço
Estrela que se destrói
Do caos surge a ordem
Neste tempo e espaço
Super nova que colapsa
Impulsiona-me rumo a ela
Aquela bela que me torna
feliz

Abraço

Distorcendo-se alheio
Num multiverso intergalático
Além do bem
E além do mal
Apenas mais um animal
Não quero abraçar o mundo
Pois vim dele e para ele
retornarei
Meus átomos seguirão o ciclo
Que tantas vezes já seguiram
Desde a origem de tudo
Abraçar tudo?
Apenas se for abraçar você
A quem eu devo encontrar
Conjunto complexo
Que formou a personificação
De tantas qualidades
Em um único ser vivente

Sangue palavreado

O sangue que pulsa em minhas veias
Percorre meu corpo
Banha meus neurônios
Formadores da consciência
Portadores do “eu”
Carregam consigo
Meus pensamentos e sonhos
E neles encontra-se
A lógica pela qual escrevo
Você é a fonte de minha inspiração
Que instiga meus pensamentos
Fazendo-os verterem
Como sangue que flui de corte profundo
Corte irreparável
Fonte inacabável
Que se espalha na minha mente
Controla-me e me faz dedicar
Todas as palavras a você

Da realização dos sonhos

A borboleta que voa
Enfrenta as ventanias
Para alcançar seus objetivos
Metamorfoseando-se ao longo da vida
Mudanças no pensar
Que nos fazem aperfeiçoar
Nenhuma borboleta voa só
E até em suas mudanças
Por vezes encontra-se em boa parceria
Como uma alcatéia que persegue sua presa
Sozinho ninguém persegue seus sonhos
Pois sonhos são presas grandes
De difícil abate
Ninguém vence batalhas estando só
Mas se ao seu lado alguém estiver
Alguém com quem se possa contar
Todas as batalhas tu irás ganhar
E todos os sonhos irá alcançar

A mente e a vida

Dentro de cada mente há um mundo
Um universo infindável
Tanto a imaginação já criou
E tanto ainda há de criar
Nela todos os segredos estão contidos
Nela todas as verdades são originadas
Nela todas as mentiras estão disfarçadas
Oculta sob o manto da inconsciência
Duelando com a consciência
Sufrágio para a existência
O local aonde amigos imaginários vivem
O local em que demônios sanguinários se exibem
A complexidade originada pela evolução
Como ondas na arrebentação
Erguemo-nos e nos debatemos contra as rochas
Espalhamos nossas águas ideológicas
Caímos, quebramos e recuamos
Novamente nos reerguemos
E prosseguimos na maré
Novamente rumo a arrebentação das ondas

Louvor à pátria

Observo o horizonte
Admirando o azul do céu
Mais um dia ruma para seu fim
Rápida e violentamente deslocando-se
Como poeira ao vento de tempestade
As matas verdejantes dominam as montanhas
Criando o contraste colorido
Da transição entre o céu e a terra
Seguindo o caminho de tal planeta
Chamamos estas terras de lar
As aves que aqui cantam
Incomparáveis com a de qualquer outro lugar
Pululam pelas matas e tanto nos encantam
Os ares desta terra durante anos quero respirar
Das águas desta terra quero continuar a tomar
Nos campos dourados andar
Acariciado pelos ventos sulinos
Terra adorada

Poetizar

Sentimentos e pensamentos
Que dançam ao meu redor
Acompanham-me ao longo
dia
E todos os dias
Mistura agradável
Que assim permaneça
Tu és tão amável

Nada mais necessitaria
desejar
Palavras a lhe dedicar
Tanto para lhe falar
Poetizar
Para que alguns minutos
De sua atenção
Você possa me dar
Tu és tão adorável

Sentimento III

A luta contra o tempo
A luta contra a morte
Luta-se contra os inimigos
errados
Transformar estes dois em
aliados
Assim deve-se agir
A vida só continua sua
existência

Devido a morte, controlada
pelo tempo
Os sentimentos só possuem
seu valor
Devido a este casal
O tempo e a morte
Sem eles
Na eternidade
Tudo perderia seu real valor

A sabedoria

O fogo devorador da matéria
Libera a energia e transforma
Descontrolado é devorador insaciável
O fogo da sabedoria
Queima dentro de todos nós
Libertai-o para que se torne
Devorador insaciável
Carbonizando a si mesmo
Para então renascer das cinzas
Como árvore que cresce em local de tormentas
Forte e vigorosa ela se torna
Originada do caos
Do fogo da ciência brilha a luz do saber
Espanta a escuridão dogmática
Revela-nos o mundo como ele é
Belo e intocado, deveras agradável
Para seguir tal caminho
Muitas árvores caem
Muitas chamas se apagam
Mas nunca em vão
Todos deram de seu sangue
Valorosos antepassados

Eternizando-te

Bela como uma rosa
Valente e corajosa
Não deixa de ser amorosa
Inteligente
Muito além do suficiente
És bondosa para todos
E merece o respeito de todos
Que lhe dêem as honras
Para que seu nome seja eternizado
Se assim não fizerem
Mesmo que não quiserem
Eu o farei
Teu nome viverá eterno
Rodará por este mundo externo
Gravado em meus versos

Liberdade mental

Olhe o mundo a sua volta
Veja além do que seus olhos mostram
Enxergue com o raciocínio
Descobrimos muito além do habitual
Ninguém se importa, ninguém sente
Fingem e seguem o caminho imposto
Pelas rédeas de seus senhores
A liberdade custa caro
Somente em nossas mentes
É que podemos desfrutar da real liberdade
Sem ela somos apenas mais um na multidão
Em meio a tantos e ainda na solidão
Fugindo da eterna escuridão
Mas perto de ti esqueço de tais aflições
Tu completas a liberdade de minha mente
Eleva-me para além das multidões

Amigos

Neste imenso mundo
Tão singular perante o universo
Habitado por seres pequenos
Que se acham tão grandes
Ignoram sua insignificância perante o todo
Tais seres, são importantes apenas uns para os outros
E isto basta, é o suficiente
Pois na vida não necessitamos ser grandes
E transparecer sobre a infinidade
Precisamos ter amigos
Ser importante para outras pessoas
E ter pessoas que sejam importantes para nós
Ter os grãos de areia que nos cercam
Neste grande deserto do qual somos parte integrante
Os amigos que nos ajudam a crescer
Com os quais percorremos este universo
Com os quais seguimos por este caminho singular chamado vida
Estes valem mais do que todas as grandezas
E do que todas as riquezas
Sigamos em frente por este caminho
Para completar nosso ciclo
E fazer com que este tenha tido valor
Em cada momento e em cada palavra

Sempre o Tempo

Tudo depende do tempo
Assim reafirmo
Das flores que irão abrir
Dos frutos que irão maturar
Das paixões que irão crescer
Servimos ao tempo
Nossa vida depende dele
Senhor absoluto de tudo
Nascemos e crescemos
Sempre com a passar do tempo
Aprendemos e vivemos
Apenas um pequeno lampejo
Em toda a extensão do tempo
Não vislumbraremos o fim do tempo
Não somos dignos
Apenas seguimos de carona nele
Enquanto ele permitir
O tempo, o senhor de tudo
Mantenedor de todas as perguntas
Conhecedor de todas as respostas

Temor da Escuridão

Por que tanto temem a escuridão?
Por não poderem ver o que há nela?
Se não se pode ver
Então também não se é observado
Temem por não verem ou por não serem vistos?
Para alguns ambos os motivos
Para outros, apenas um dos motivos
Temem por acharem que estão sós
Por estarem diante da obscuridade do universo
Por perceberem que não há nenhum ser
Que lhes dê a mão vinda dos céus
Nada além da própria consciência
Em tais momentos
Se não se sabe pensar
Fica-se alheio, implorando por ajuda celeste
Sendo que basta olhar para o lado
Para ver que há alguém próximo
Não repleto de poderes realizadores de milagres
E sim alguém que pode ajudar
De igual para igual
Sem cobrar a sua alma
Em troca da ajuda

Ampulheta

Como numa ampulheta
A areia que escorre demarca o tempo
Assim é com todo ser vivente
Todos são uma ampulheta
Que dentro de si
Corre, percorre e escorre
A areia da vida
A areia do saber
Nunca estagnada
Sempre oscilante
Deslocando de uma lado a outro
Necessitamos sempre girá-la
E modificá-la
Para que assim possamos usá-la
Continuamente
Girando e regirando pela vida
A cada ciclo que termina e inicia

Seres andantes

Vagueiam por aí
Seres andantes
Em busca do luar
Que tanto esperam encontrar
Tantos querem vivenciar
São talvez os que mais
anseiam
Pelo viver e pelo futuro
Que acabam esquecendo-se
Das próprias vidas
Esquecendo das pessoas
Que se importam com eles
Nos caminhos que seguimos
Não podemos nos esquecer
Daqueles que nos apóiam
Pois vitória que se comemora
só
Não é verdadeira vitória

Durante a noite

A névoa que domina o céu
Nesta fria noite
E impede que as estrelas brilhem
É apenas para ocultar a lua
Que está entristecida
Por hoje não estarmos juntos
Para contemplá-la
E diante dela sorrirmos
Para os céus noturnos

Origens

O sol segue seu ciclo
Numa combustão que o leva
A própria morte
E assim permite que a vida
Surja e se espalhe
Organização surgindo do caos
Entropia maldita
Que dá origem a tudo
De nossa percepção do todo

Desfazemos, refazemos,
distorcemos
Pois do caos das estrelas
Do caos que deixava de
existir
Na complexidade da
organização
Surgiu você, linda e bela
Auge primoroso da perfeição

Presença

Se no mundo há perfeição
É somente porque nele você está
Se no mundo há alegria
É somente porque nele você está
Minhas palavras seguem pelo ar
Rumo ao continuo infinito
Procurando o lugar em que você está

A Imaginação

O sonhar, a dominação do subconsciente
A dominação dos pensamentos sobre o corpo
Quando sonhamos
Nossos desejos e temores afloram
Visualizamos a mistura do presente e do passado
Regados por nossa imaginação
Na aleatoriedade pensante
Das ansiedades do amanhã
Um universo paralelo dentro de nossas mentes
Quando despertos na realidade
Quando adormecidos na sub-realidade
Um universo de todos os possíveis
E dos impossíveis
Sem limites
Assim é a imaginação humana

Sangue palavreado II

Amargo sofrimento alheio para o qual escrevo
Quem lê minhas palavras?
Se durante dias inteiros escrevo
E nenhuma resposta recebo
Continuo e continuo
O corte é profundo
Palavras são sangue
Que brotam, vertem e escorrem
Espalho por todos os lados
O sangue palavreado que de mim escapa
E o frio que sinto é o frio da dor?
A maldita companhia de não ter companhia
Irradiante dor que crava seus dedos
No âmago do ferimento
Rompe-o e arrebenta-o
Fazendo os pensamentos obscurecerem
E o sangue palavreado jorrar como cascata
Em mais um dia que amanhece
Observo o que há trás de mim
É o rastro de palavras
Demarca meu caminho

Escravo da Escrita

Quantos versos ainda serão escritos
Quantas palavras ainda serão marcadas
Números incontáveis
Das mais belas que eu escrevo dedico a minha amada
Das que falam da felicidade, da beleza e da vida
Destino a minha amada, pois ela faz a vida melhor
Das demais palavras são apenas
O reboliço que irrompe de minha mente
Que se deleita atormentado-me
Escravo da Escrita, aprisionado pela Poesia
Duas senhoras que torturam-me
Incansavelmente e rotineiramente
Vampiras que procuram em mim as palavras
Insaciáveis elas são
E buscam em mim seu alimento palavreado

Sangue palavreado III

O que procuras em mim, se sou criatura obscura?
Em eterna solidão vagueio por estes mundos
Atormentado pela morte que me persegue
Tortura e sofrimento sem tua companhia
As palavras que aqui escrevo
São como o sangue que agora me escapa
Ferimento profundo e doloroso
Vejo minhas vísceras pulsando
São as palavras que me fogem da boca
Seguro-as, mas elas insistem em escapar
Passam por entre meus dedos trêmulos
Encontram o chão
Seu conteúdo escapa e se espalha
Misturando o cheiro de terra ao de sangue
Sangue palavreado com ele eu sou atormentado
Meu caminho do passado já está marcado
Com as palavras da morte
No futuro vejo apenas a escuridão
Na qual estarei em completa solidão

Átomos

A natureza da qual nos originamos
Formados pelos átomos que a compõe
Estes permanecem eternamente vivos
Sempre se transfigurando
Indo de um ser vivente para outro
Da matéria viva para não-viva
Poeira cósmica que nos compõe
Aglomerado molecular
Selecionado pelo todo
Para então finalmente pensar
Como um átomo que vagueia
Pelo universo quase infinito
Assim eu prossigo
Deslocando-me para enfim te encontrar
Num encontro em que estrelas reluzem
Aquecendo-nos para contigo estar

Tempo marcado

Vejo o relógio na parede
O calendário que o acompanha
Dias e horas marcados
Metodicamente separados
A vida sequenciada
Assim todos seguem
Seus rumos e caminhos
Seguem os passos já marcados
E chegam somente até onde outros
Já chegaram
Necessário é ir além
Seguir os próprios passos
Avançar a frente dos locais
Em que outros já chegaram

Palavras

Saudade corrosiva
Que se instala em meu peito
Assola meu coração
Devastadora e impiedosa
Força-me a escrever
E eu de bom grado aceito
Por esperar que minhas palavras
Possam lhe agradar
Nesta semana que se inicia
E quase mais um ano termina
O que mais desejaria?
Segurar em sua mão
E admirar o teu olhar

Futuro

Venham a mim as tormentas

Passarei por sobre elas

Como uma ave que voa

Sobre sua presa

Levemente oscilante em seu trajeto

Previamente traçado nos céus

Pois após as tempestades

O sol voltará a brilhar

Das águas violentas

Que foram despejadas das alturas

A vida brotará

Usando o passado como substrato

Tempos passados serão os adubos

Da vida que irá surgir

Desenvolver-se-á para então frutificar

Algum dia morrerá

Mas não sem antes suas sementes deixar

Esperando

O calor do dia
O calor da vida
O astro-rei percorre os céus
E eu me questiono
Onde estaria você?
A mais bela destas terras
Não se faz presente
Aguardarei até que o sol se oculte
Para então poder vê-la
Passem horas, corram horas
Chegue a noite
Pois diante das estrelas
Espero poder vê-la

A Morte

Venha morte, chegue mais perto
Permaneça ao meu lado
Sua fria e cruel companhia
Parece-me tão acolhedora nesse momento
Deixe-me ser envolvido pelo seu abraço
Para que assim
Minha vida chegue ao fim
Encerre a dor e o sofrimento
Acabe com este momento
Pois não suporto a companhia
Daquela que chamam solidão

Doce sabor

O doce sabor

Do sentido da vida

Que repercute dentro de nós

Somente estando com você

A vida tem seu real sentido

O mais magnífico

E imaginável possível

Para assim co-evoluirmos

Em conjunto buscando

Por nossos sonhos

Que só podem ser realmente completos

Se com você eu estiver

Pois tu és aquela que me traz alegria

Que me compreende

Como ninguém jamais o fez

Peça fundamental em minha vida

Que me dá forças

Para em frente avançar

Inspiração como não há igual

Devo-lhe tudo isso e muito mais

Linda personificação divina

Enigmas

Quem é esta que se desloca pelo sul?

É mulher exuberante e divina

Diante de mim, perante este céu azul

A mais bela mulher que tanto me ilumina

Como uma supernova de tanta potência

Irradiando alegria

Com toda sua magnificência

Para quem o mundo eu daria

Não existirá ninguém jamais

Que possa se equiparar a você

Pois tu és única por demais

E os enigmas que há em você

Irei desvendá-los

E talvez os enigmas que haja em mim

Possa você encontrá-los

Quando estiveres diante de mim

Para que então possamos

Juntos lutar por nossos sonhos

Batalhando na companhia de quem amamos

Dois pássaros risonhos que juntos voam para o futuro

Com quem podemos contar e não haverá mais nada obscuro

Desde que ao teu lado eu possa caminhar

Dilema existencial

E no auge da vida

No qual tantos anseiam por estar

Todos se esforçam para encontrar

Mas talvez não saibam procurar

Quem sabe se mudassem seu olhar

Poderiam talvez desfrutar

E finalmente vivenciar

O que cada um quer tanto desejar

Pode ser diferente ou igual

Tanto para o bem quanto para o mal

E com todo esse dilema existencial

Mais um dia quase chega ao final

Ilusão?

Imerso em sonhos, além da realidade

Vivendo da ilusão?

Não acredito que foi apenas isso

Assim eu segui, assim eu amei

Quem dera retornar para os locais

Em que eu pude te amar

Novamente te encontrar

Perante a luz do luar

Da esperança e da rejeição

A esperança
Em pleno crescimento
Forjada pelos sentimentos
É agradável e amável
Nos dá forças para seguirmos na vida
Exceto quando encontramos a rejeição
A Rejeição, criatura destrutiva
Que atormenta a mente humana
Assola os pensamentos
Derruba todas as esperanças
E eu me questiono “por quê”?
Não encontro a resposta
Se por um momento houve felicidade
E retribuição mútua
Em outro surgiu a tristeza
Sanguinária e destruidora
Instalando-se em meus sentimentos
Aniquilando minha tranqüilidade
Levem-me para a insanidade
Para que assim eu escape da realidade

Agonia

Mágoa, agonia, aflição
Desgraça sem graça
A maior maldição
Voo como uma traça
Tomado de indignação
Desgraça sem graça
Deixado na solidão, enorme maldição

A Vida e a Morte

Brilhe morte, reluza no céu
Explodindo as entranhas carnais
Aspergindo o vermelho visceral
Por este mundo infernal
A vida é tão frágil
E o que ela representa perante o todo?
Nada além do que uma rocha também vale

Átomos organizados, moléculas agrupadas
Tantos vivem, nada representam
Perante o todo, tudo pode ser nada
Significados de nada servem
Sonhos e ambições se desfazem
Como poeira ao vento
Dispersos para o nada
Fragmentados e separados

Por Ethernyt!

Vejo o planeta distante
Vagando pelo cosmos
Meu lar não é como antes
Isolado e abandonado fiquei
Entre anjos sanguinários
E demônios mercenários
Pela glória eu lutei
Tanto sangue derramei
Meu lar já não vejo
Observo o firmamento
Buscando lembranças
Misturadas entre estrelas no céu
Como neve sobre obscuro véu
Algum dia encontrarei a esperança
Esta há de vir dos céus
Para que ao lar eu retorne
Com tanto que não demore
Pois as asas já estão gastas
E meu tempo foge para terras vastas
Tantas vitórias adquiridas
Tantas vidas destruídas

Inspirado no livro "Ethernyt: a guerra dos anjos" Márson Alquati

Águas da vida

Na fonte da vida
As águas iniciam seu caminho
Imensas distâncias percorrem
Por tantos locais escorrem
Seguem seus caminhos
Encontram-se, separam-se
Aproximam-se, distanciam-se
Divisor de águas
Obstáculo ideológico
Obstáculo imaginário
Ainda assim águas, que hão de se misturar
Pois correm para o mesmo objetivo
O vasto oceano
Poderão talvez se reencontrar
Seja para amar ou para odiar
Somente tendo a certeza
De que para as águas passadas
Não há como retornar
Apenas seguir o presente
Diluindo-se, dissolvendo-se
Rumo ao vasto oceano
Se a fonte foi vida e origem
O oceano é morte e fim

Desespero

Como pétalas de rosas
Que compõe um conjunto perfeito
Ela veio até mim
Quão maravilhosa Ela é
Retribuiu-me temporariamente
Tudo que por Ela sinto
E então como num sonho que se desfaz
Ela me deixou, na companhia da Solidão
O Desespero instalou-se em minha mente
Sufocando meu coração inerente
O Sofrimento me persegue
E a sua prima, a Tristeza, insiste em me visitar
A Paixão, permanece viva
Sobrevive como brava guerreira que é
Como fogo etéreo que resiste
Contra as ventanias do Desespero
Uma batalha que esfacela meus sentimentos
As lágrimas percorrem minha face
Como córregos perenes
Dia após dia, hora após hora
Daria minha vida para Ela estar
A maldita Esperança me assombra

Todos os dias, fazendo-me criar

Tolas expectativas para o futuro

E até mesmo o Escuro

Tenta me consolar

Numa fútil tentativa de que

Eu ignore o Passado

Mas tudo que faço é um fracasso

E tive a tolice de sonhar

Que poderia te conquistar

Como eu gostaria de ao passado retornar

Para que eu pudesse novamente te abraçar

E as estrelas com Ela observar

Perante a doce luz do luar

Deus está morto!

Foram-se os tempos obscuros
Em que a humanidade
Entregava-se ao irracional
Tudo que queriam era um consolo
Não que isto seja tolo
Buscam-se significados
Todos imaginados
Nem tudo tem sentido
Nem tudo tem um motivo
As coisas simplesmente são
Sentidos são frutos da imaginação
E com tais frutos
Criamos divindades e seres imaginários
Matamos e sacrificamos em nome de tais divindades
Torturamos e massacramos
Destruímos culturas e vidas
Para agradar ao sanguinário deus
Fecundamos nossas mentes
Criando esse ser que chamam deus
Agora é chegado o tempo de abortarmos esta prole funesta
Feto deformado e podre, salvem a humanidade
Desta deformidade agourenta

A Dor da Rejeição

Esmagando cérebros, esfacelando sentimentos ébrios
A raiva que brota e germina
Sentimentos não são brinquedos
Ouça bem meu amigo, não iluda solitários
Pois podem se tornar sanguinários
Arrebentando as entranhas
Regurgitando fétida tristeza e mágoa
Na dor que corroeu o “Eu”
Ácido estomacal que agride a vida
Destruindo toda a felicidade
Ossos quebrando e se esmigalhando
A dor da falsa esperança aliada com a rejeição
Dêem-me logo essa injeção, terminem a aflição
Estripado, devorando da própria carne
Bebendo sangue próprio
Talvez isso seja impróprio
Mas preferiria nada sentir
Para não me ressentir
Um abismo obscuro, destruidor da vida
Instala-se em meus pensamentos
Metamorfose ideológica
Que em breve originará os novos frutos

Amarga Desgraça

Malévola é a escuridão
Que se instala em meu coração
Não é o mal, mas sim o medo, o temor
Tamanho é o horror
A vida passa rapidamente
O Tempo não possui clemência
E destrói minha paciência
Pois a cada dia que passa
E quanto mais a vida se arrasta
Parece que mais próximo eu vou
Ao caminho das duas damas nefastas
Possuidoras de negras vestes, aproximam-se de mim
Como se morto eu estivesse
A primeira é a Solidão, causadora da dor e da desgraça
Abalando-me lentamente
Nos escuros cantos da mente
Preparando-me para o corte
A segunda é a Morte
Dona da escuridão, que o golpe final me dará
E com a lâmina da gadanha
Tudo terminará
E a guerra não será mais ganha

Retorno ao lar

As trevas que se ocultam ao raiar do sol
Escondem-se em todos os recantos
Quebrando todos os encantos
Não há nada mágico
Que componha a natureza
Ela simplesmente é
Aquilo que foi selecionada para ser
Para nos alimentarmos
Causamos a morte
Tornando o individuo mais forte
Da matéria inerte, mas reagente
A vida surgiu e da matéria inerte
A cadeia trófica se sustenta
Átomos que são transportados
De um ser para outro
Da morte nos originamos
E ela nos amamenta
De seu leite materno tomamos
Apesar de ser ela que nos atormenta
Para ela retornamos
Como um filho que retorna ao lar
Após uma breve ausência para viajar

Besouro Necrofágico

Aonde se oculta um tesouro?
Devo perguntar ao besouro
Que vagueia oculto na vegetação
Esperando a próxima estação
Se ele pudesse falar
O que poderia me ensinar?
Abaixo de sua carapaça
Pode estar um segredo que me escapa
Conhece ele o segredo da felicidade?
Ela está junto da real liberdade
Veja, ele me diz, como você sou prisioneiro
Neste mundo nada é certeiro
Por mais que pareça verdadeiro
Se liberdade você procura
Só encontrará na morte obscura

Ilusão da Liberdade

Veja a ave que voa
E seu canto que entoa
Para onde ela vai?
Que tão calmamente sai?
Ela vai para onde quiser
Pois é livre, e ela quem decide
Para qual lado voar
Para nós só resta observar
Pois escravos é o que somos
Livres nós nunca fomos
Fazemos o que nos mandam
Escravos dos que comandam
Quisera ser como as aves
Romper com todas as entraves
Tudo com uma única finalidade
Provar da real liberdade

A Dor

A dor assola meu cérebro
E meu corpo, como a mordida de *Cérbero*
Mais uma hora que passa
E continua essa dor devassa
Talvez sejam meus nervos
Ou minha querida imaginação
Deitado sobre trevos
Que choram em comoção
Meu coração está quase parado
Sangue entrou em meus pulmões para não mais sair
Meu nariz está fraturado
Nem lembro mais como eu fui cair
Foi tudo em um instante
Com as lembranças eu me deparei
Visualizei teu perfeito semblante
E agora, com tal imagem morrerei

Nota: *Cérbero* na mitologia grega era um cão monstruoso com três cabeças que guardava a entrada do Hades, reino subterrâneo dos mortos.

Universo I

No cosmos as estrelas

Incandescentes, só podemos vê-las

Combustão que destrói e cria

Uma leve oscilação e tudo destruiria

Quando em colapso, uma super-nova surge

Quase paralisando o tempo que tanto urge

O universo imenso

Infinito que às vezes deixa-me tenso

Nesta pequena terra

Na qual minha imaginação se encerra

Mais uma vida que desmorona

O povo que seu rei destrona

A morte coprofágica

Fétida e trágica

Vagueia por este mundo

Tal qual um moribundo

Oriundo do caos primordial

Morrerá na aglomeração populacional

Qual o valor de uma vida?

Qual o valor de uma morte?

Vermes

Os vermes que a terra permeiam
Na qual agricultores semeiam
Devoram a matéria e a podridão
Da qual coisas novas se originarão
Da semente plantada
Uma nova vida será cultivada
Que poderá ser boa ou ruim
Tudo depende do que você faz, enfim
Os vermes da morte e da vida
Dependem das escolhas por você decididas
Escolha qual será seu fim

Sentidos?

A vida não tem nenhum sentido
Vivemos em prol de nada
Todo objetivo é tolice
Todos morrem
Seu nome será esquecido
Nada resiste ao tempo
Todos cairão no esquecimento
Sua vida não terá significado nada

Caminhos

Quem saberá o que o futuro nos reservará?
Seguimos pelo caminho comum
O mesmo que todos seguem
Caminhos pré-estabelecidos
Se seguires caminhos já traçados
Previamente determinados
O seu fim será o mesmo fim
Que outros já provaram
Fato que não há como mudar
Talvez um ato, ou suas escolhas
Possam mudar seu trajeto
Tornando-o mais sinuoso
Tortuosamente
Mais curto ou mais longo
Mudando quem sabe
A época ou a forma
Que você encontrará seu fim
O mesmo fim será também para mim

Decapitado

A lâmina certeira e rápida
O pescoço cortou-me
Um machado que trepida
Que a vida roubou-me
E onde você estava?
Ó aquela que me iluminou
Com a qual o saber eu compartilhava
Lembranças foi o que me restou
Agora minha cabeça jaz caída no chão
Contempla esta nobre visão
Vejo meu próprio corpo, parece distante
Tremendo em espasmos
Rios de sangue nascem
Do local que prendia minha cabeça
Tento me mover
Não há nada que me obedeça
Acho que perdi a cabeça

Ao cair da noite

A noite avança
Com sua lança
Sobre o dia
E quem diria
Parece uma fera
Tal qual uma pantera
Agarrando os desavisados
Desiludindo os apaixonados
A noite não espera ninguém
Para fagocitar o mundo ela advém
A luz foge perante o escuro soturno
Oriunda do Sol, foge para o colo de Saturno
Bailam no espaço os fótons
Através da imensidão do universo
Entre elétrons, nêutrons e prótons
Que colidem neste verso
Compondo toda a matéria
Nesta noite deletéria
Imensamente melancólica
A luz contorceu-se em sua cólica

Antropofagia IV

O sangue vermelho escorria
Sobre a carne retorcida
Em cada mordida que sofria
Um novo grito, agonia enlouquecida
Dos outros tudo é absorvido
O saber flui para a mente
Cuidadosamente ingerido
Digerido calmamente
Vê os livros espalhados?
Parecem corpos despedaçados
Restos de orgia antropofágica
Devorados numa noite mágica
São os restos mortais
Das vítimas sacrificiais
Eram todos escritores
Alguns foram meus mentores
Devorei-os através de seus livros
Cada página eu degluti e absorvi
E muito embora os preferisse vivos
Eles já sabiam o que estava por vir

Anti-herói

O que antes parecia um herói
Agora mais parece um vilão
Essa amarga lembrança que tanto dói
Cheira pior do que um opilião
Em atos errôneos, a vida da prole quase destrói
Deixando-os tristonhos
Imagem de um ídolo anti-herói
Quase acabando com todos os sonhos
Uma ferida que demora a cicatrizar
Na qual instala-se uma necrose
O mal nela adentra para infernizar
Como que se fosse por osmose
Purgatório de dualidade sentimental
Às vezes raiva, às vezes tristeza
Um câncer que corrói com avareza
Lentamente tumultuando cada lembrança
Empalando a senhora Esperança
Alimentando a mocidade da Morte

Demônio das Sombras

Liquefazendo os pulmões que desvanecem perante a suntuosidade
Da malévola enfermidade
Dos orifícios faciais que promovem a respiração
Assim chamados de narinas
Escorre o líquido vermelho que a vida sustenta.
Originado das profundezas deste organismo que você ostenta
Em que toda uma vida que foi intelectualmente enriquecida
Elevada ao máximo da natureza animal
Agora cai de sua ascensão vertical
Antes rumava ao encontro da felicidade
Agora sonhas em encontrar a inexistente deidade
Vejam, eles dizem, aí vem o demônio invisível!
Quase igual à matéria indivisível
É o demônio das sombras que se alastra
Por meio das secreções viscerais
Liberadas entre sonoridades guturais
O que se espalha é o alarmismo
Copiado por todas as pessoas tal qual um mimetismo
Poderia tal demônio causar uma possessão
Não possuiria ele alguma contenção?
Se as pessoas amam mais o desejo do que a pessoa desejada
Não poderiam elas, temerem mais o medo do que a doença aleijada?
Ah! Destruidor de corpos

Tu infectas os ambientes com o cheiro de amônia
Não sabes que a vida é uma parcimônia?
Se nesse mundo tudo gira em torno do lucro
Leve-me então para dentro de algum sepulcro
Quem dera minha liberdade fosse limitada
Apenas por minhas imposições evolutivas
Mas esta sociedade é composta por ideias de terra antiquada
Que aqui chegaram como fugitivas
Demônio das sombras que se desloca pelo ar
Como se fosse uma ave livre a cantar
Faz meu corpo contorcer-se num êxtase infernal
Meu sistema imunológico luta por um prêmio vital
As explosões de tal batalha
Reverberam em minha caverna craniana derrubando suas estalactites
Estrondo que repercute em minhas meninges causando-me constantes encefalites
Os temerosos da morte para os quais falha a respiração
Imploram por uma divina salvação
Olham para o céu buscando proteção
Esquecem-se de que o necessário está aqui no chão
Nem de baixo e nem de cima da terra virá alguma mão amiga
Esta briga já é muito antiga
Faz parte dos eternos ciclos que nas vidas deste planeta ocorrem
Desde que a complexa organização celular se iniciou
Alguns vivem e outros morrem, muita matéria já se transformou
Contra os demônios das sombras cada organismo luta como pode

Saudades II

Vento que contorce as árvores
Quando tomado pela fúria
Derruba qualquer um deixando-o em dores
Por vezes é um mantenedor de injúria
Com tal vento, os músculos que escondiam
O esqueleto branco
Agora se dispersam pelos ares
Um novo mundo para o qual me destranco
Sinto saudades de em sua presença trocar olhares
Antes o que eu escrevia falava sobre vida
Os versos representavam a felicidade
Agora o que escrevo é sobre morte retorcida
Pois durante os dias e as noites já não há tranqüilidade
Em minha mente restam as belas lembranças
Conjunto de sons e imagens, momentos e palavras
Reunidos formam essas danças
Sinto falta da forma como tu me abraçavas

Descrença

Como uma mordida que a pele dilacera
Assim é para o encéfalo que a liberdade descobre
Encontre-se com a morte que já te espera
Ontem tu eras como o escravo que logo morre
Sob o manto do teu senhor você dormia
Mas veja como você sofria
Agora você possui a acolhedora liberdade
E teu pensamento ecoará pela eternidade
Não precisas mais dos teus louvores
Eles não servem nem mesmo aos sofredores
Tudo que você precisa é raciocinar
Então perceberás que nenhuma divindade
Poderá de alguma forma te castigar
Na ciência e na filosofia poderá aliviar
Todas as tuas dúvidas e temores

Morrendo

Tempestade ideológica
Você batalha por sua filosofia
Ao teu lado possui a lógica
Quebrando a hipocrisia pela qual sofria
O caos em seu agrupamento neural
É o sinal da estrela que há de nascer
Instiga os pensamentos como logaritmo binomial
Na presença de tua luz quero ver o amanhecer
Vislumbre o mundo que você desconhecia
A vida é o início e a morte é o fim
No meio, não me lembro o que acontecia
Com a liberdade pode-se encontrar a morte merecida
Com você a vida poderia ser mais aquecida
Todo meu corpo agora enrijece
E a vida toda enfraquece
A consciência se apaga
A escuridão me afaga

Névoa

O céu está cinzento
Espessa névoa que oculta o firmamento
Sobre mim paira a sombra da insanidade
Por vezes a vida parece uma monstruosidade
Nesse universo que pelo caos é regido
Eu mais pareço um cadáver intumescido
Preparando-se para explodir
Perante a chuva a se diluir
Negro líquido igual chorume
Verte de mim como de costume
Infiltra-se em solos profundos
Procurando passagens de outros mundos
Transitando através do tempo
Fugindo deste tormento
Eternamente sonhando com a lembrança
De que ainda poderia haver esperança
Para toda a felicidade repetir
E mais uma vez contigo sorrir

Governantes

Vejam os governantes
Que sobre nós despejam suas correntes
Transformam-nos em escravos suplicantes
Empurrando-nos para suas vertentes
Escolhidos pelo povo
Para representarem o populacho
Não fazem nada novo
Somente nos trazem o esculacho
Tudo pela descarada manipulação
Abusem da propaganda
Destruam a mente da população
Neste futuro que não mais anda
Um colapso final
No mundo reinará o caos
O fim de nossa sociedade animal
Como numa escadaria rolará pelos degraus

Reflexos

No espelho você vê
Seu reflexo impreciso
Sua vida é um reflexo
Da morte que o espera
Sua morte é um reflexo
Das escolhas de sua vida
Uma imagem distorcida
Sentimentos sem nexo
Agonia enclausurada
Uma morte despedaçada
Uma vida inacabada

Autoflagelo

Cada lágrima que escorre
É um pouco da vida que
morre
É o tempo que passa
É a lâmina cortante
Que em meu pescoço
Encontra um ninho
É o fogo que queima
Faz minha pele ferver
Tudo parece se perder
São meus ossos
Que com o martelo
Eu esfacelo
São os meus pensamentos
Que insistem em me lembrar
Assim me fazem lamentar
A vida é uma queda
Num abismo de escuridão
A realidade é mera
alucinação
A morte é a única razão

Cair para a morte

Autocomiseração para o
presente
Todos os pesos do passado
Cargas a se carregar
Na escalada para o futuro
Atingir as alturas
Seria possível?
Permanecer estagnado no
presente
Nada muito diligente
Subamos! Até o topo do
tempo

Subir e subir
Cuidado para não cair
Para não encontrar a morte
Antes do derradeiro momento
Quando no topo estiver
Apenas pule, volte para a
base
Da montanha da vida
Retorne à sua origem
Não tenha vertigem
A queda é confortante
E a morte é redundante

Putrefação

A lise celular que espalha
citoplasma
Tal qual um infinito miasma
Destroem-se as organelas
E chegam as sentinelas
Uma divisão que leva à
destruição
Fagocitose selvagem

Holocausto da decomposição
Uma triste imagem
As hordas se levantam da terra
Rumam para o banquete
Necrofagia
Mais um ciclo que se fecha
Morto pela antropofagia
Acertado pela ponta da flecha

Realidade cruel

A organização por vezes torna-se nefasta
Surgem dela as famosas castas
Aprenda que nunca existirá igualdade
Para sua utopia você tem lealdade
Quanto tempo você suportará?
Uma vida em utopia
Imerso em misantropia
Permaneça em sua ideologia niilista
Pode ser o mais otimista
Assim você se manterá na realidade

O Fim

Vida imersa em tristeza
Possuidora da incerteza
Meu corpo decomposto
Não possuo nem mais rosto
Nesta terra brota um germe
Que virá a ser um verme
Destruidor social

Além de qualquer animal
Corroerá suas estruturas
Não haverá gerações futuras
Senhor da dor
Queimará o sofredor
Em explosão monumental
Virá a chama infernal

Antropofagia V

Entre a vida e a morte
Devore a carne que lhe entrego
Fornecedor do ovário materno
Usurpador do testículo paterno
Despedaçando com o machado
Cada naco carnal a ser devorado
Beba deste sangue adorado
O banquete continua avançando
A ampulheta da vida continua rodando
Vermelho é a cor do amor
Vermelho é a representação da dor
Consternação lamentosa
A substância viscosa
Que escorre de teu ventre
Santo aborto
Da carne embrionária
Desta mulher centenária
Digerindo-a e absorvendo-a
Vil criatura placentária
Vítima sanguinária

Antropofagia VI

A carne espessa e vistosa
Que se esconde abaixo da epiderme
Protegida pela hipoderme
Doce e saborosa
Nossa real natureza
A insanidade instintiva
Mera sanidade demonstrativa
Eis nossa real beleza
Toda a animalidade humana
Nasce durante a tristeza
E também no amor com certeza
São os sentimentos que a mente emana
Veja o cadáver que o urubu profana
Nem por isso ele tem a mente insana
Verdades relativas ele proclama
Na certeza de que alguém o ama
Eu apenas reflito
Tudo que já tenho dito
Esta enorme saudade
Amarga realidade
Auto-antropofagia
Para acabar com a agonia

Antropofagia VII

Corto em tiras sua carne
Numa mordida arranco seus lábios
Mordo e arranco sua língua
Nenhuma palavra a dizer?
Nenhuma ideologia a defender?
De seus úberes brotariam
O leite da prole futura
Sua doença não tem cura
O ácido de meu estômago
Irá purificar a sua mente
Talvez assim você a liberte
E consiga pensar um pouco
Regurgito sua carne
Não é digna de ser digerida
Apenas mastigada
Seu sabor é adorável
Mas em sua mente
Eu nada vejo de diferente
Ser inconseqüente

Antropofagia VIII

Com afiada lâmina
Abro o seu crânio
Busco o alimento antropófago
Há nos seus neurônios
Algo que possa me servir?
Vós já conseguistes pensar?
Possuiu alguma vez
Opinião própria?
Ou vive imerso e preso
Aos dogmas que nos cercam?
Ah! Seu cérebro ainda está quente
Massa encefálica
Para acompanhar as massas
Demoníaca refeição
Sua mortificação
Minha diversão

Antropofagia IX

Sinto em minha mão
O cheiro de seus intestinos
Misturado ao cheiro de sangue
Em minha frente
Você segura suas vísceras
Seu abdômen aberto
Sua mente é que deveria
Ser aberta
Não para o misticismo
Mas para a razão
A vida te escapa
Pelos intestinos que defecam
O sangue que sustentava
O seu inútil cérebro
Você será minha alimentação
Viverás em minha imaginação
Apenas uma recordação

Lágrimas

Os versos que escasseiam
As palavras que não surgem
Rimas que não se formam
Inspiração assassinada
Sutilmente esfaqueada
Silêncio solitário
Lágrimas

Contos inacabados
Histórias esquecidas
Abandonadas e amortecidas
Ideias esquartejadas
Poemas abortados
Vazio atormentador
Lágrimas

Palavras mortas

Morte ou vida
Que diferença faz?
Cedo ou tarde
Todos encontramos ambas
Se cada verso escrito
É uma ideia que morre
É o meu sangue que escorre
Sozinho, solitário, esquecido

Saudades, medo, aflição
Lágrimas da rejeição
Morte acolhedora
Lábios sangrentos da loucura
Beije-me, destrua-me
Acabe com a dor
Seja como for
Mate-me, por favor

Tristeza

Na mente, recordações
Das antigas felicidades
No passado um sorriso
No presente
Dor e escuridão
Não chores por ela
Assim muitos dizem
Como não chorar?

Se não há nada pelo que lutar
Não há motivos para viver
A loucura de se apaixonar
Ansiedade por apodrecer
Em meus sonhos
Recebo suas visitas
Único lugar em que a vejo
Sem rumo e sem gracejo

Desabando

Arranque a pele
Destrua as vestes
Onde vós estivestes?
Não te vejo mais
Não há porquê viver mais
Rosas que não florescem
Jardins que apodrecem
Árvores que agora caem
Como sonhos que esvaem
Como deformidade aberrante

É o sentimento sufocante
Mundo que sobre mim desaba
Apenas mais uma vida que acaba
Carne devorada por vermes
É o coração
Em constante putrefação
Você soltou a minha mão
E eu fiquei, caído no chão

Congelando

Tecidos que arrebentam
Demônios me atormentam
Valores atribuímos a tudo
Agora fico quase mudo
Nada mais tem seu valor
Tudo se perde sem seu calor
O mundo está congelando
No gelo estou me afogando
Espero sua volta
Nada ganho em troca
Aqui existe apenas solidão
Não existe mais razão

Fantasmas

Palavras e mais palavras
Escrevo para o nada
Antes escrevia para você
Agora somente o nada
São palavras sem sentido
Palavras que ninguém lê
Inspirações amargas
Sem rimas e nem versos
Tudo muito controverso
Sentimentos que não morrem
Insistem em voltar dos
mortos
Ficam me assombrando
Fantasmas que vivem
Dentro de minha cabeça
Mostram-me imagens da
felicidade
Aquela que nunca terei
Acho que me destruirei

Dor

A dor, dor e mais dor
Pode alguém compreender?
Como pode a mente causar
Tanta dor?
Pior do que a dor física
Esta dor é constante e diária
Um aperto no peito
Um nó na garganta
Segure o choro
Novamente a dor
Tristeza e tristeza
Constante incerteza
Agulhas que perfuram
Cada parte de meu corpo
A dor, a dor e mais dor
Cortes não doem tanto
A morte
Não faz sofrer tanto
A dor, a dor e mais dor

Antropofagia X

Espalhe pela terra
A dispersão da morte
Destrua todos os doces sonhos
Acabe com a felicidade
Se toda felicidade é apenas ilusão
Nada mais tem salvação
Arranque minha cabeça
Despedace meu corpo
Cozinhe tudo numa panela
Antes, feche a janela
Digestão e aflição
Uma pitada de sal
Banquete infernal
Tempere a carne humana
Devore-a sem pensar
Ela irá te realizar
Para então te imortalizar

Oceano

Roendo os ossos
Remoendo recordações
Afogando-me em poços
Mar das lamentações
Águas salgadas e amargas
Assim como a vida

Ondas violentas
Formam subidas e descidas
É isto que chama de vida?
Desgraças corpulentas
Não importa o que decidas

Escrevo

Apenas mais um alguém
Esquecido por todos
Escrevendo versos para ninguém
O futuro eu não vejo
Nenhum sonho para ir além
Sentimentos despedaçados
Espero pela morte que vem
Escrevo e nada recebo
Escrevo e assim padeço
Escrevendo para o sofrimento
Escrevendo pelo falecimento
Escrevo?

Açougue

Veja as lágrimas
Que se espalham pelo chão
Vidas jogadas na lixeira
É a morte que vem ligeira
Certa e rasteira
O preço está estampado
O açougueiro é apressado
Trás consigo a lâmina afiada
Paixão será dissecada
O poeta será humilhado
Seu coração será cortado
Todo sentimento será extirpado
Corra poeta, fuja!
Procure sua amada
No passado você a encontrará
Tempo que não voltará
A morte o ajudará

Saudades III

O vazio que afoga
O silêncio ensurdecedor
O corpo que treme
Com o frio da ausência
Onde está a paciência?
Paciência pela morte
Arrasta a gadanha
Vindo em minha direção
Ela se foi e aqui eu fiquei
Olhando as estrelas solitárias
Paralisado no presente
Acorrentado ao tempo
Ah! Saudades
Que parasita minha mente
Tão solenemente

Torturas

O papel jaz em minha frente
As palavras foram borradas
Pelas lágrimas que caíram
Encharcando o papel
Nenhuma nuvem no céu
Ainda é obscuro o noturno véu
É a escuridão devoradora
Que se apossa de mim
Destrua-me torturadora
Traga-me o fim
A fome é algo que não conheço
Comida? Isso não é necessário
Sou um morto solitário
A alegria eu desconheço
Só existem lágrimas
Choro que ecoa pela noite
Traga-me o açoite
Destrua-me esta noite

Sufocar

Tudo encontra seu fim
Tudo um dia acaba
Ninguém sobrevive
A morte chega para todos
Uma multidão de tolos
E eu não sou um deles?
Quem mandou viver de
utopias
Aguente agora a misantropia

Sinto o sabor do desgosto
Corto meu próprio pescoço
Mais uma abertura para o
corpo
Minha cabeça cai no chão
torto
Vejo ela se afastando
E eu suplicando
Em choro sufocando

Águas gélidas

Águas gélidas nascem
Da fria escuridão
Regam as frutas da putrefação
Cultivam as flores da aflição
Cravam suas raízes em meu coração
Do futuro eu perco a visão
Morte parece a única solução
Para acabar com a solidão
Da fria escuridão
Águas gélidas nascem

Cometa

Com ela eu esqueci
Todos os amargos sofrimentos
Sentia como se estivesse no firmamento
Um cometa a vagar pelo cosmos
Eternamente sorridente
Com felicidade resplandecente
O cometa colidiu
Com a barreira da rejeição
Esmagou-se e despedaçou-se
Vaga agora rumo ao buraco negro
Devorador da matéria
Cometa que ruma para sua morte
Assim eu sigo pelo cosmos
No meu rastro deixo apenas as lágrimas
E estas palavras que escrevo para a morte

Enterrado I

Sem mais versos
E sem mais rimas
Com a vida isto não combina
Uma carcaça carcomida
Tudo tenta me enfraquecer
Só me resta fenecer
Quando no inferno eu entrar
Poderei então apodrentar
Tudo apenas por adorar
Aquela que me iluminou
Corvos de meus olhos se alimentam
Vermes em meu corpo adentram
Você me enterrou?
Este cadáver um dia chorou
Agora veja o que restou
Líquido carnal que o tempo soterrou

Versos sem nexo

Estas palavras que formam um mosaico
Que muitos podem considerar prosaico
Podem não ser rimas perfeitas
Mas se inspiram nela que é perfeita
Minha vida já está desfeita
A morte há algumas semanas me espreita
Tudo é apenas uma questão de tempo
No meio talvez ocorra um contratempo
Suficiente para escrever algumas palavras
As coisas logo acabam
Grãos de areia soprados pelo vento
São pessoas que se decompõe
Morticínio de poetas noturnos
Vagando pelos recantos soturnos
Poetas de versos taciturnos

Pós-morte

Para onde vamos?
Vamos para baixo da terra
Nadando na terra molhada
Vendo as entranhas
Soltarem-se do corpo
Ver o coração ser esmagado
Pelos passos do passado
Uma tortura etérea
Da supérflua ilusão da vida
Agonia desmedida
Corre nas veias a consternação
Enrijecido pela morte
Vendo você partir
E eu fechado em meu caixão
Trancado em meu túmulo
Construído pela paixão
Deixado no vazio nulo

Colheita

O céu se oculta em comoção
A colheita não rendeu frutos
E o chão de espinhos
Perfura-me com ternura
Somente mais um cálice de
amargura
Para estas palavras de tortura
Palavras e mais palavras
Onde você foi, inspiração?

Antes eu escrevia para
alguém
Agora escrevo para minha
morte
Como reencontrar a
inspiração?
Se já falha a respiração
Não há tempo para colher
Já é chegado o tempo de
morrer

Flores

Um jardim de sonhos
Que perdeu seu protetor
Tornando-se assim
Vitima de um predador
Você não veio até mim
Tentei ser um livre-pensador
Não encontrei nenhum fim
Restou apenas um perdedor

Você não estava mais afim
Formou-se mais um sofredor
Verteu o sangue carmim
Matou-se o escritor
Acabou-se o arlequim
Cortou a última flor
Que sonhou com um jardim

Lágrimas noturnas

Cruel é a saudades
Que se instala em meu peito
Sufoca minha vida
Nos olhos
As lágrimas não vencem escorrer
Os suspiros em falta de ar
A agonia que possui meus sentimentos
Como comparar tal dor?
Afirmaria que nela
Todo o universo pode ser contido
A blusa já está molhada de enxugar as lágrimas
Em autoflagelo
Tento aliviar a dor de sua ausência
Inúmeras vezes as noites são interrompidas
Pela saudade que insiste em me acordar
Somente para me sufocar em tristeza
A solidão me força ao choro
Que encharca meu travesseiro
Não há sono, não há mais vida
Há somente o vazio

Dama de Vestes Negras

Não há esquecimento
Tudo está marcado no tempo
Tudo que foi e tudo que será
Quando a vida acabará?
Nada mais importa
A rosa está morta?
É a dama de vestes negras
Que um presente te entregas
Carrega consigo uma flor
Morta e prensada em dor
Sangue de seus espinhos escorre
Aquele que a toca logo morre
Só que nada disso me comove
Algum dia logo chove
A vida pelas águas será levada
E a morte dominará a estrada

Antropofagia XI

Arrancando os olhos
Perante a verdade do mundo
Perfurando os ouvidos
Quanto barulho no mundo
Fritando os pedaços humanos
Todos estão insanos
O que vem a ser a cultura?
Uma esquecida escultura
Pois não foi digerida o suficiente
Para formar a tua mente
Ingira a carne de palavras
Absorva o saber
Antropofagia ao amanhecer
Sabedoria quando anoitecer
Mastigue tudo muito bem
Beba o sangue que ficou no prato
A sabedoria de outrem
Passará para seu encéfalo num ato

Futuro

Sol do amanhecer
Que faz o gelo derreter
Qual caminho escolher?
Uma ave que voa sem rumo
Perdido em uma tempestade
Em meio a tanta adversidade
Nesta vida, aquele que procura
Só encontra desventura
Não sou ave noturna
Voo perdido no escuro
Qual o caminho do futuro?
Quanto mais me aproximo deste ser
Mais parece a vida obscurecer
O que é o certo a se fazer?
Incertezas me rodeiam
Parece que me odeiam
Ventos que pelo ar vagueiam
Derrubam os alheios
Com o tempo os esfaqueio

Palavras Mortas II

Todo astro no firmamento
Tem seu próprio isolamento
Vivem em eterno sofrimento
Anseiam por finalmente morrer
Desta atualidade se esquecer
Finalmente parar de sofrer
Quando chegar a morte deste escritor
E então não houver nenhuma dor
Da putrefação restará o fedor
A vida não tem como ser vivida
Se não for preenchida
É uma vida amortecida

Palavras Mortas III

A dor para enfim falecer
O cheiro para apodrecer
Quando esta realidade desvanecer
As lágrimas formam um mar
Por que um dia resolveu se apaixonar
De alguém se aproximar
Agora para a terra irás
Nada mais sentirás
Sozinho tu não estarás
Satanás te confortarás

Palavras Mortas IV

Para que lugar vamos?
Não importa o quanto procuramos
Sozinhos sempre estamos
É o crepúsculo da vida
Logo a noite vem
Aumentando essa descida
Junto a morte vem também
Para que lugar vamos?
Se não importa o que façamos
Sempre perdemos quem amamos
A vida já está enegrecida
Lágrimas no rosto chovem
Sou apenas mais um suicida
Antes tudo parecia bem

Divina

A pessoa que procuramos
A pessoa com a qual sonhamos
É pensando em você que escrevo
É para você que eu escrevo
Tu és aquela que alegra meus dias
Penso em você ao acordar todos os dias
É a tua imagem que procuro
Quando sou angustiado pelo futuro
Tu és a fonte de minha inspiração
E aquela que destrói a aflição
Tu és a lua que ilumina a escuridão
E o sol que aquece meu coração
É aquela com quem eu compartilho
Tudo que eu penso e sinto
Para mim é quase um absinto
Quando a dúvida se origina da confusão
Sempre anseio por ouvir a tua opinião
Tu és o alicerce que mantém minha vida inteira
Que evita que a morte chegue ligeira
Da vida a tua voz é a sinfonia
Tu és a Afrodite em harmonia
Deusa pela qual eu morreria

Vida ou morte

Venha a vida
Ou venha a morte
Pouco me importo
Tu é que dá sentido a tudo
É a amável flor
Adorável seja onde for
Teu abraço e teu olhar
Transformam tudo em um mar
Um mar de felicidade
Entre teus beijos nasce a amabilidade
Que faz o coração disparar
Faz a vida novamente raiar
Faz o tempo parar
E toda tristeza se afogar
Anseio por mais uma vez contigo estar
Ouvir suas palavras
Através do ar se espalharem
Que me encontram como flechas
Acertam-me de forma agradável
Lembram-me o quanto tu és carinhosa

Chamas da vida

É a noite que chega rapidamente
Trazendo consigo o frio
Gélido e corrosivo corta-me a pele
É a morte que sopra lamúrias
Em meus ouvidos
Tentando-me a encontrá-la
Para cair no abismo de escuridão
Somente pensando em você
Espanto tais torturas da mente
Sua imagem espanta o frio assassino
Sua presença destrói a morte
Tu és como a luz de um farol
Que me guia neste mar revoltoso
De noites infindáveis
Tu és a chama da vida
Que me protege do frio da morte
Tu és uma rosa em um campo verdejante
E eu sou uma gota de orvalho
Driblando o vento para tentar encontrá-la

Antropofagia XII

Da carne doce que arrebenta
Perante a pressão dos dentes
Devoradores insaciáveis
Festa antropofágica nefasta
A lâmina já está gasta
A carne será farta
O demônio jogou sua carta
Mataram o guerreiro
Ofertaram ao herdeiro
Digeriu lentamente as virtudes
Descansaram entre as quietudes
O instinto é a demência
Que coloca fim a consciência
Absorvam a magnificência

Medo conjunto

A divindade inexistente
Jamais criou a imperfeição
Ou a perfeição
Moldados pela evolução
Surgiu cada ser existente
Foram bilhões de anos
Até surgirem os humanos
Vivemos como soberanos
Espécie considerada inteligente
São bilhões e bilhões
Todos com preocupações
Tomados de aflições
É a morte que eles tem em mente

Escolhas

Na imensa escuridão do céu
Vejo a lua que emana sua luz
Recordações doces como mel
Saudades: tudo a isso se reduz
São os neurônios que suas ordens impõe
Que controlam nosso pensar
Um anseio que a vida transpõe
Quase nos fazem fraquejar
O tempo não para por nada
Escolhas: é isso que possuímos
Cada passo é uma machadada
Para abrimos o caminho que decidimos
Do futuro respiremos este ar
O caminho: longo ainda será
Basta os temores enfrentar
E por este mar a vida prosseguirá

Devaneios

Preocupamo-nos com cada ação
Mas tu és a unificadora da razão
Em seus atos, completa toda a emoção
É a fonte de toda a inspiração
Na qual encontro cada palavra a ser escrita
Mesmo que alguma possa ser repetida
Nenhuma delas será pelo tempo oprimida
Tu és a estrela que no escuro reluzia
Quando a morte quase me atingia
Nas tormentas eu esperava o tempo melhor que viria
Quando mais uma vez contigo eu estaria
E em seus olhos eu novamente olharia
No horizonte, mais uma vez o sol brilharia

Presença dela

É a presença dela
Aquela que é a mais bela
Que me eleva às alturas
Por quem eu cometeria loucuras
Radiante dama
Torna a vida mais colorida
Cicatriza qualquer ferida
Sentir a sua pele
É como sentir o paraíso
Ouvir sua voz e sua respiração
Magnífico harpejo
Daquela que eu tanto desejo
Segurar em sua mão
Sentir o seu coração
Aquela que em um momento
Reanima o meu sentimento
Um sentimento para ser cultivado
E tratado com todo cuidado
Sentimento maior que a vida
Que nem mesmo o universo pode conter
Contém mais energia que uma super-nova
Por você que se mantém este sentimento

Necrofagia I

O cadáver em decomposição
É mais uma grande atração
Será a próxima refeição
O estômago famélico
Implora por atenção
Nesta terra só restam cadáveres
Mataram-se em altares
Por suas crenças se mataram
Nunca na vida pensaram
A morte vem com a irracionalidade
Necrofagia que vive da sociedade
Vermes devoradores da genialidade
Coma destes corpos desfeitos
Putrefação para todos os efeitos
Por onde passa tudo é tormenta
Carne podre que agora fermenta
Decomposição que você experimenta

Necrofagia II

A carne já amolece
Logo irá se desfazer
Apenas mais um que
enlouquece
Com esta refeição do
alvorecer
As moscas se aproximam
pelo ar
Aproximam-se os parasitas
Procuram pelo suntuoso
manjar
Deslocam-se cegos como
cenobitas
Rápido o tempo passa
Avança feroz e sem piedade
A putrefação chega como
uma traça
Destruidora da humanidade

Brilho do sol

O sol brilha alto no céu
Iluminando ela
Aquela para quem eu escrevo
A beleza radiante
Ilumina os caminhos por
onde passa
No sorriso dela
É onde encontro a alegria
Do mundo ela é a harmonia
Faz o sangue pulsar
Faz o tempo parar
Mantém este mundo a girar
É a musa majestosa
Torna a vida vantajosa

Desejo de morte I

A vida perde seu sentido
Nada mais possui um motivo
Somente o desejo de morte
O anseio de terminar com tudo
De ficar eternamente mudo
Eternamente surdo, eternamente apodrecendo
Com vermes saindo pelos olhos, sem mais sonhos ilusórios
Apenas o sangue estagnado
Nas veias estando coagulado
E eu morto, caído de lado
Os pulsos cortados
O gás inalado
Ou com o saco sufocado
Talvez até enforcado
Mas nunca mais decepcionado
Se nada na vida dá certo
Se todos os sonhos se desfazem como pó
Não tem porquê seguir este caminho incerto
Vamos ao encontro do necrófago inseto
É hora de parar de pensar
Hora de parar de tentar respirar
Um momento de apenas chorar
Mais algum tempo esperar
Até a morte suicida finalmente chegar

Desejo de morte II

Cortem meu pescoço
Atirem em mim
Matem-me depressa
A vida não é uma festa
É apenas um chão de espinhos
Destruidora de sonhos
Não é o bem mais precioso
Torna tudo muito ocioso
“Tudo pela vida”
Ah! Vomito sobre a vida
Virou as costas para mim
Quero agora o meu fim
Que seja cor de carmim
Quero o fim desta desgraça
Recheada com a dor nefasta
De mim a vida se afasta
A morte é que me abasta
Nela eu encontro muitas casas
Em que descanso minhas asas
Acabe com minha vida
Minhas ideias estão roídas
Quantas vidas corrompidas
Muitas são as saídas
Para escapar desta vida

Desejo de morte III

Desejo de me matar
Não tenho coragem
Para este ato realizar
Um solitário funeral
Ninguém para chorar
Ninguém para se importar
Apenas o coveiro a me enterrar
E o vento a soprar
Talvez o mundo viesse a comemorar
Um indivíduo a menos para o criticar
Um poeta a menos para se apaixonar
E pelos sentimentos se torturar
Queria gravemente me machucar
E assim pela dor física chorar
Não apenas pela dor de sonhar
Queria embaixo da terra estar
Ali eternamente repousar
Enquanto meu cadáver durar

Palavras

Tu com quem eu sonho é para mim a musa
Espalha ao seu redor toda a formosura
Tu tornas os dias mais belos e a vida menos confusa
Para seguir por este caminho tu és a fonte da bravura
Se um sentido na vida é o que todos buscam
Devem saber que cada um terá um sentido diferente
Eu tenho um sentido a mais na vida, que outros não encontram
Uma pessoa que faz eu querer viver e escrever plenamente
Tu és a bela mulher que habita em meus pensamentos
Basta fechar os olhos para com as lembranças observá-la
Tu tornas gloriosos e magníficos todos os momentos
Iluminados são todos os dias em que posso encontrá-la
Vê as estrelas que brilham no céu noturno?
São para você que elas brilham e reluzem no espaço
Vê o novo dia que surge?
É para você que ele renasce e segue seu percurso
Vê este que aqui escreve?
É para você que ele dedica todas as palavras
Originadas de suas mais profundas inspirações
Só possíveis graças à sua presença

Tu primavera

Em teus braços ó doce amada
Encontro o abrigo de meu coração
Em teus beijos ó doce amada
Encontro o néctar da vida
Ó doce amada tu que fazes a solidão terminar
Faz a imaginação se iluminar e voar
Tu és a beleza e a felicidade
Sem você o mundo nada vale
Estando diante de você
É onde encontro a mais pura paixão
No universo rompe qualquer dimensão
Tu és o calor da primavera
Aqueces meu coração e minha vida
Tu és o perfume da primavera
Adoças os ares que envolvem minha vida
Tu és a eterna primavera
És a fonte da paixão que torna a vida eterna

Amada

Ah! Linda personificação divina
Teu sorriso é a aurora da vida
Sua presença é o sol que queima
Faz a vida manter-se
A tua imagem acende a ardente paixão
Em teus lábios ocorre a combustão
Mantida ao som de tua respiração
Ao ouvir tua voz e sentir teu corpo
Esqueço-me desta realidade
Perco-me em tua afabilidade
Suspiros que percorrem tua pele
E nela encontram um adorável abrigo
Tu iluminas todo pensamento
E mantém em mim este puro sentimento
Tu és a lua no firmamento
Com sua sedosa luz a me iluminar
Tudo que desejo é contigo estar
E pelos caminhos deste mundo vagar

Ao teu lado

Na aleatoriedade do caos
A desorganização gera padrões
Surgiu uma mulher especial de muitas definições
Tu és musa, és deusa, és perfeição
Fonte de caótica inspiração
O auge de toda a evolução
Perante você se curvam populações
Tu és a força motriz de minhas ações
Tu és um abalo sísmico em minha mente
Não há mulher mais atraente
Anseio pelo ato de te beijar
Perante o luar novamente te abraçar
Ideias contigo compartilhar
Enfim, ao teu lado estar

Beleza

Olho o céu nublado
Estende-se até o horizonte
Não vejo a lua e não vejo você
Aonde se esconde a mais bela flor?
Que me envolve com seu perfume
Flor como não há igual
Possuidora de beleza celestial

Sacrifício

Sangue que verte das vísceras abertas
Escorre por entre as pedras
É a morte que chega ao teu corpo
Carrega consigo um cálice
No qual sempre bebe de fluido menstrual
Agora beberá do teu sangue
Misturado ao conteúdo intestinal
Para os que morrem ela diz: “cale-se”
Beberá agora o teu líquido venal
Tu afundas, pois a morte é um mangue
Deleite-se em teu mar de líquido seminal
Será teu ultimo ato normal
Antes de seguir este caminho infernal
E afundar nesta fenda abissal

Isolamento

Rápida e violenta é a tristeza
Rasga o corpo em pedaços
Presença constante na incerteza
O que tu queres e o que não queres
Quais os destinos que tu desejas?
Pensamento que não para em nenhum momento
Isto torna a vida um constante tormento
Perco qualquer discernimento
Preferia estar morto, abaixo do cimento
Do que viver em constante sofrimento
Imerso neste eterno isolamento
No qual encontro apenas meu pensamento
Acabe com isso como num encantamento
Realizado pela morte que deve chegar
E com toda esta maldita vida terminar

Para ela

Tu para quem eu escrevo estes versos
Iluminas os meus dias com teus beijos
És a mais bela que se encontra nestes universos
Sua presença abre caminhos entre os seixos
Bela musa pela qual se apaixonar
Adoro contigo observar as estrelas do céu
Majestosa beleza com a qual adoro estar
Permanecer em tua presença doce como mel
Tu és a perfeição, me faltam até adjetivos
O paraíso está contido em teu olhar
Magnífico é contigo compartilhar objetivos
Tu muito me estimula sobre o que pensar
Tornas a vida um motivo digno pelo qual lutar
Tu és a fonte deste fogo vital
Tu incitas o meu instinto animal
A vida se torna mais forte quando estou perto de ti
Não há nada como sentir sua pele perante o luar
Tu me elevas para alturas que eu jamais senti
Da beleza tu vens a ser a própria deidade
Aquela que me rodeia com a felicidade
É por você que no céu as estrelas brilham
É por você que no espaço os planetas giram
É por você que as espadas digladiam
É por você que estes versos rimam

Luz radiante

Ó luz radiante
Originada de tão bela mulher
Caí sobre minha pele
Como uma doce mordida vampiresca
Transformas as noites em dias
E o tempo em nada
Chegas calada como uma fera mansa
E pulas em meu pescoço
Do âmago de minhas entranhas
Surge então um rugido gutural
Que ecoa noite adentro
Impulsionado pela beleza desta deusa
A mais bela deste mundo
Magnífica presença nestas terras do sul
Rasga minha pele
E exorciza o demônio que há dentro de mim
Tu és a dama que acorda o poeta e o animal
Numa luta quase atemporal
Por você se mantém esta paixão celestial

Encontrando a morte

O martelo que esmaga os dedos
Fazem os ossos se despedaçarem
E as vítimas lamentarem
Não há rimas na morte
Talvez é por isso que poucos tenham sorte
Tanto faz, seja ele fraco ou forte
Em algum lugar do caminho encontra a morte
Tão magnificamente amorosa
Por vezes tão malévola e dolorosa
É o tiro que faz a bala atravessar o tórax
É o animal empalhado com bórax
A morte está em todos os cantos
Até com os pássaros que emanam seus cantos
Em algum momento ela há de chegar
Não perca tempo com seu lamuriar
Diga o que deve falar
Lute pelo que você deseja batalhar
Ame quem você deve amar

Tu Verão

O tempo e a natureza que te formaram
Perfeita musa foi o que criaram
Desta natureza tu és o próprio verão
Que aqueces o mundo e sua imensidão
Cuidadosamente esculpida pela natureza
Uma união perfeita da inteligência e da beleza
Tu vens a ser a dona desta minha paixão
Semente da alegria que brota, rompe o rígido chão
Tu és aquela com quem meu tempo quero partilhar
Tu és o alvo deste meu apaixonado olhar
Contigo quero muitos pores-do-sol observar
E durante muitos dias chuvosos te abraçar
Pois não há clima ou distância que possam nos separar

Rios caudalosos

Somos como dois rios caudalosos
Que se unem com momentos gloriosos
Avançam sobre a terra
Não há obstáculo que nos encerra
Juntos somos como a água
Que fura até a rígida rocha
Somos o fogo em uma eterna tocha
Uma alcatéia de dois lobos
Que vagueiam pelos dias e pelas noites
Procurando a presa para matar
Esperando os tempos que irão chegar
Com tempo duradouro te beijar
E com nada mais se importar

Palavras nas veias

É a Terra que gira em seu eixo
É a luz que faz a atmosfera azul
A vida que existe em seu beijo
A sua presença é um doce sonho
São estas palavras que dançam por você
Originadas das profundezas encefálicas
Inspiradas pelo toque de suas mãos
Pelo seu sorriso que alimenta minha vida
Tornam as noites magnificamente virtuosas
Distorce o espaço e o tempo
O todo vira apenas um pequeno momento
Minhas palavras são meu sangue
Sangue palavreado e por você ornamentado
Que espalho por todo e qualquer lado
Palavras que pulsam em minhas veias textuais
Movimentadas pelo coração, que é você

Revolta

É a solidão
De estar em meio a tantos
E ainda permanecer só
Com quem compartilhar as ideias?
Se ao falar encontra-se apenas sorrisos irônicos
Assim permanece-se na presença da solidão
É o sarcasmo
De tentar agir diferente
Conforme suas próprias convicções
De tentar ser melhor e agir de forma correta
E deparar-se com este ser chamado sarcasmo
É o desespero
De procurar sentir algo por alguém
Em seu âmago poético e romântico
Para encontrar o quê? E por quê?
Venha morte acabe com este pensamento
Afogue-me no esquecimento

O Amanhecer

A morte veio quando anoitecia
Quando a beleza humana eu enaltecia
A chuva que durante a noite caía
O vento que contra as árvores batia
No chão eu caí, assim parecia
Sobre os espinhos
Que tanto abundam nos caminhos
Perfuro violentamente cada mão
Rubro líquido que escorre
Colorindo este corpo que morre
Na mente não há mais poesia
Acabou-se toda a maresia
A vida não tem mais sinfonia
Acabou-se toda a maestria
Na morte, a vida é uma grande estria
Completamente imersa em hipocrisia
Triste fim que ninguém merecia
Apenas mais um corpo que apodrecia
Sarcasmo que no lodo me retorcia
Sorrisos imersos em maldita ironia
No fundo, eu já estava morto quando amanhecia

A realidade do mundo

O mundo é frio
Um vento congelante e constante
É pior do que a própria morte
O mundo é cruel
E os tolos poetas se iludem
Como uma mariposa
Que vai em direção da luz
Somente para morrer
Buscando suas falsas esperanças
Revolta-se em vão
Contra aquilo que não muda
Pois a vida é grotesca e imunda
A mente humana é vagabunda
Neste mundo a mentira abunda
Mantenho a morte sempre junta

Desça

É um jardim que apodrece
Uma vida que envelhece
Uma estrela que desvanece
O véu da ilusão que cai por terra
Confusão que se mantém na mente
O fim, é uma obscura semente
Germina nos solos pútridos da tristeza
Uma rosa possuída por espinhos ocultos
Que rasgam a pele dos desavisados
Uma rosa, camadas e mais camadas de pétalas
Cercadas por espinhos afiados
No fundo, entre todas as pétalas
Há somente pó, que se desfaz ao vento
Vazio existencial
Vida amargamente infernal
Desça de seu ridículo pedestal

Tolo sonhador

As nuvens se dissiparam
O céu elas lentamente abandonaram
O azul calmamente retornou
O sol novamente o mundo iluminou
Ao fundo o verde das matas resplandece
Na mente a agonia ainda permanece
A primavera chega como uma tola prece
Colorindo o mundo que floresce
A carapaça externa que nos enaltece
Oculta o fétido odor da víscera que apodrece
A tão estimada beleza interior
Buscada apenas por algum sonhador
Não sabe o quão ele será sofredor
Inspire esse pútrido odor
Veja todo esse ridículo esplendor
O mundo do tolo e falso sofredor
Até o mais doce sentimento vira sempre dor
Morram como uma flor
Rompendo em sangue e necrosado fedor

Reciclável

Todo individuo é único
Ainda assim redundante
Pessoas descartáveis e substituíveis
Não há diferença para a gadanha
Com a lâmina dela você se assanha
Há somente o abismo
E a tão aclamada e difamada escuridão
Na qual não haverá nenhuma sensação
Grotesca é a doce ilusão
Muito pior que o filho que morre
Sangrando no colo de sua mãe
Com a cabeça arrebentada
E a barriga dilacerada
O sabor do sangue que abunda na guerra
Apenas mais um que o governo enterra

Sarcasmo

A aurora de névoa
Que se forma ao meu redor
Cinzenta como a vida
Sempre presente
Abaixo da luz da escuridão
Uma ave que não voa
Despedaçada por algum roedor
Só uma vida partida
Sempre indiferente
Com a presença da solidão
Gélidos dedos que rasgam a pele
Procuram algo que tanto repele
Procuram os meandros sentimentais
Enfeitados com as belezas infernais
No céu as estrelas não brilham mais
Palavras que ferem o âmago visceral
Do encéfalo que oculta todo sentimento vital
Se toda brincadeira tem um fundo de verdade
Então, todo sarcasmo é ofensivo para a felicidade?
São pequenos e constantes cortes
Que logo poderão formar uma grande ferida

Doce néctar

E o sol ergueu-se novamente
Iluminando toda tua formosura
É aquela que está sempre em minha mente
Uma presença que me fornece ternura
Do seu doce néctar quero beber
Um sonho, assim tu és para meu olhar
Ao teu lado quero vislumbrar o amanhecer
Quando raiar a primeira luz, te beijar
Ouvir tuas palavras até o entardecer
Com meus braços carinhosamente te envolver
Pelos ventos deste mundo te enaltecer
Pois é você, ó doce amada, que me faz viver

És tu

Quem é a imaculada flor?
Que cresce nesse mundo obscuro
Trazendo tanto esplendor
Para a vida iluminando o futuro
És tu!
Quem é a fonte da felicidade?
Que preenche o vazio no peito
Possuidora de imensa bondade
O mundo para ela foi feito
És tu!
Quem é a mais bela de todas?
Mas também é palavra e sabedoria
Que derruba as pessoas tolas
Fornece a mim a alegria
És tu!

Estripado

Perturbador o corte avançou
Pelo chão as vísceras se espalharam
Mais um que a vida estripou
Pela dor eles choraram
A pele arrancada
A carne tremendo ao vento
Ao fundo uma sinfonia
Sangue destilado
Com vapor de lágrimas do estripado
Imóvel com ferros perfurando
Violentamente a pele rasgando
Submissão perante o mestre
Rebeldia e ascensão
Marcado pela degradante punição
Destruindo o reino do mestre
Da carne vem a liberdade
Derrubará toda e qualquer sociedade
Pois há um fim para a humanidade
Para todo individuo
Abaixo da terra um dia todos estarão
Existirá apenas o cheiro de podridão
Tudo poderá ter sido em vão

Devaneio solitário

Por detrás de todo sorriso
Oculta-se a escuridão
O sofrimento que se mantém na mente
Só é aliviado com o flagelo da dor
A vida é um grande lamaçal
A cada passo se afunda ainda mais
Rumando para a asfixia infernal
É conviver com as pessoas
E ainda assim permanecer sozinho
É a loucura que se espalha na mente
Apenas mais um tolo ser vivente
Assim como a paixão diariamente torturada
Assim como a palavra que ficou estagnada
Vácuo constante que ocupa a alma inexistente
Existe apenas carne, sangue e ossos
Deliciosos quando corretamente preparados
E conexões neurais
Criadoras de todas as crenças cerimoniais
Nada suprime a constante solidão
Um autômato, assim parece toda ação
No fundo, não somos ninguém
E ninguém se importa
Com aquele que no humor está aquém
Para os outros é apenas mais um alguém
Ninguém nunca saberá o que se oculta

Nos recantos de cada mente imunda
Apenas mais um tolo descartável
Apenas mais um humano reciclável
Calma e lentamente
Parece que as ideias se afastam
Para longe de toda a realidade
Buscam o caminho da atrocidade
Arrebentando a pele com atrito
Doce ilusão do livre-arbítrio
Doce ilusão de com tudo acabar
Sentir cada verme na pele a rastejar
Sentir cada bactéria na carne se multiplicar
A terra infiltrando-se no corpo decomposto
O cheiro de mais um que da vida foi deposto
Tudo baseado em seu insano pressuposto

Antropofagia XIII

Carne que enche o estômago
Sangue que alimenta os sonhos
Com a lâmina corte o couro
Deste humano caído em tua frente
Antropofagia
Mais uma doce orgia
O ácido estomacal anseia pela refeição
Que virá deste que você arrancou o coração
No processo de transformação
Vida vira morte
E morte gera vida
No meio do caminho
O recheio origina as fétidas fezes
Com a qual você hidrata sua bela pele
É o cheiro do mundo, o cheiro da sociedade
Portanto, coma desta carne que te ofereço
Não importa qual será o preço
Aproveite enquanto a carne está quente
Absorva tudo desta gente

Desgraça

Nos neurônios há apenas escuridão
Há somente desgraça carcomida
Originada desta maldita preocupação
Espalha-se no ar como carne remoída
Tranquem este cadáver podre
Em um caixão
Colocado abaixo do negro chão
No mundo dos vermes necrofágicos
Dos seres que não são mágicos
Mas que são quase coprofágicos
Um local de acontecimentos trágicos
Antes a vida você engolia
Agora se contorce com esta embolia
Debaixo da terra eu apenas ria
Pois no fundo eu também sabia
Que logo você morreria

Encontrando-te

A luz prateada da Lua
Derramada sobre sua pele
Resplandece perante a escuridão noturna
Iluminando o seu amável olhar
E em seus olhos queima a vida
Que encontra um ninho entre seus braços
Orvalho que se forma na silenciosa noite
Evapora perante este ardente sentimento
Mantido por uma estrela inspiradora
Que ilumina os caminhos deste universo
Ampliando para além do tempo e do espaço
Que eu seja então um asteróide
Vagando no espaço em direção desta estrela
Para com ela explodir em uma supernova
E nesta adorável companhia dispersar-se pelo espaço

Beijo da Morte

Quando a noite dominou o dia
Chegou a dama que carrega a gadanha
Em vão, eu tentava fugir como podia
Mas assim como a vida ela tanto me assanha
Eternamente dividido entre o medo e a paixão
A lâmina arrebentou minhas carnes viscerais
Enrolei-me naquelas vestes macias de escuridão
E no chão, eu via meus órgãos animais
Venha, Morte! Atraente mulher nefasta
Os vermes devoram agora meu encéfalo
Da realidade teu pútrido beijo me afasta
E o sangue escorre atrapalhando o que eu falo
Os batimentos cardíacos tornam-se mais lentos
Sua presença, ó Morte! Finalmente eu encontrei
Meus olhos já não estão vivos ou atentos
É a putrefação, o preço do beijo agora eu pagarei...

Guerra Santa

Arrebentando o encéfalo
Destroçando o crânio
Uma explosão com urânio
Líquido vermelho por todos os lados
Surgindo dos membros mutilados
Sonhos que foram despedaçados
Governos que desejam território
Igrejas com mais um sonho ilusório
Todos buscando pelo valoroso dinheiro
Que cheira igual um fétido banheiro
“Desígnio divino” é o que dizem para justificar
Quando eles irão parar de assassinar?
São mais de 2000 mil anos de mortes
Em nome de uma pessoa que nunca existiu
Querem se basear nas palavras que ele proferiu
É o preço da mentira, mais uma que a igreja omitiu
Mais um genocídio que o governo permitiu

O Parto

Feto deformado dilacerado
Nasce do ventre pútrido e mal amado
Inútil e ridículo aglomerado de moléculas
Da nefasta mãe são as mitocôndrias de tuas células
Nasce sujo e imundo
De sangue insanamente rodeado
Do útero já foge causando dor
E passará a vida inteira tomado deste horror
Em tuas veias pulsa a nojenta corrupção
Contra a qual você não possui solução
És filho bastardo, progênie maldita
Cadáver que foge da verdade já dita
Criança grotesca e retorcida
Carregas em tuas mãos o futuro
E isso é o advento mais assustador
Pois tu regurgitas a podridão estagnada das entranhas
Tu liberas de sua rouca voz loucas aranhas
E entre as moscas necrófagas tu se emaranhas

O Jantar

Miolos no chão
Miolos no chão
E sangue espalhado no colchão
No colchão um corpo esquartejado
Intestinos no guarda-roupa
Com os rins lave bem a louça
Miolos no chão
Na panela o refogado é de coração
Partes humanas, coisas tão mundanas
É a carne macia e delicada
Violentamente esquartejada
Pele com o martelo é pele macerada
Banquete divino
Olhos em conserva
Cortes que tu observa
Miolos no chão
Nas jarras e nos copos... líquido vermelho
Rubro, vermelho, carmim... venha para mim
Sangue, sangue, sangue
Escorre de todas as partes
E miolos no chão
Não é a insanidade, mas a fome
Não é a loucura, mas o desejo
Matando deuses e devorando-os
Miolos no chão

E sangue espalhado no colchão
No colchão um corpo esquartejado
Esquartejado estava o corpo
Um corpo que mais parecia um porco
Que como um porco foi devorado
Devorado foi pela digestão absorvido
Absorvido passou a compor
Compor esta fraca estrutura molecular
Quando será nosso próximo jantar?
Avise-me quando você desejar?
E tudo novamente irei preparar

Liberdade?

A agulha que costura
É a agulha que perfura
A vida não perdura
Quando a morte está madura
Este vazio, mas que loucura!
Lábios vedados
Delicadamente costurados
Nenhuma palavra, todas trancafiadas na boca
Não há liberdade, nunca houve
E nunca haverá, ninguém nunca ouvirá
É o inocente que morre
Porque a divindade estava ocupada
Inspirando o cheiro das hóstias e dízimos
Adornando de ouro as igrejas
Enquanto tudo que os fiéis queriam
Era um pouco de pão para não morrerem
Escravidão mental!
Fruto desta sociedade infernal
Tão frágil e tão protegida
Um dia o fim deverá chegar
Não o fim do mundo
Mas o colapso desta sociedade
E de toda sua mediocridade
Que sustenta toda essa insanidade

Perante você

O coração bate acelerado
A respiração está ofegante
Perante teu belo semblante
Pulsa nas veias este sentimento
Tu me elevas para além do firmamento
Ah! Musa inspiradora!
Com teu magnífico olhar
Tu sempre acabas por me hipnotizar
E todo meu tempo quero contigo compartilhar
Para além do tempo e do espaço te abraçar
Vislumbrar contigo o luar
Reluzindo perante cada onda do mar
Como um beija-flor... te beijar
Entregar-te em mãos o meu amor
Preencha-me com teu calor
Deixe-me honrar teu esplendor

O mundo é para ela

Calma e lentamente, deslizando
Por sobre sua pele
Gotas de orvalho seguem
Mesmo que as estrelas observem
Em seu caminho permanecem
Em sua índole, em teu "eu"
Está cada movimento que meu coração bateu
Cada sinapse de meu encéfalo obscuro
Mostra que tu és quem eu procuro
Tu és aquela que esta vida aqueceu
Cada pensamento meu, agora é seu
Na minha mente ouço uma voz que enlouqueceu
Grita dizendo que este mundo agora é seu

Perfeição

É tua beleza que ilumina meus dias
É tua presença que mantém a minha vida
É amiga, é companheira, é namorada
É aquela que eu chamo de amada
Mulher inigualável e incomparável
Torna todo momento mais agradável
Ao teu lado por estes caminhos quero seguir
Perante o luar os teus beijos sentir
Alegria para todo dia contigo sorrir
Entregar para você o mundo e o universo
Uma supernova que explode em cada verso
Força gravitacional que tanto nos aproxima
Perfeição caótica que nos leva para cima
Rumo ao futuro e à tua presença
Mulher gloriosa e maravilhosa
De índole tão majestosa
Tu és única, bela, inteligente
Como você não há igual
Mantenho-te em um lugar especial
Lugar que é a minha fonte sentimental
Mantenho-te eternamente em meu coração

Quero minha amada

Tu és aquela que me elevas às alturas
Inspirando-me em desejos carnais
Por tu eu cometo até mesmo loucuras
Em tua presença vivo momentos celestiais
Em teu corpo encontro um berço para meus versos
Em teu olhar encontro inspiração para tudo
Quero te possuir em meus braços
E sentir teu corpo contra o meu
Desvendar os mistérios de todos os seus recantos
E neles descobrir todos os teus encantos
Consagrar o nosso amor nas formas que te compõe

Hipocrisia

Veja no chão das sarjetas
Jaz em tal local um corpo inerte
Não importa onde tu estejas
Sempre haverá um morto, sangue verte
A pele fria que se torna rija
O cérebro que para de pensar
Sobre você o hipócrita urina
Quando você irá fazê-lo parar?
Cortando os pescoços
Cadáveres, esconda-os nos poços
Pique e repique
Você cria o seu próprio fantoche
Até formol talvez você aplique
De servo a mestre, dê seu último retoque
Mas não se enforque

A morte vem

Olho pela janela
Vislumbrando o horizonte
Vejo a morte que se aproxima
Pelos ares, por cima
A escuridão chega rapidamente
Destroçando-me violentamente
Uma máscara como disfarce
Oculta no ego suas reais intenções
Do altruísmo inexistente
Há apenas o egoísmo displicente
Neste mar caótico de incertezas
Navega o barco da vida
Formado por seus fractais
Dos quais muitos não possuem finais
Neste mar você nada
Neste local você não é nada

Teu amor

Vagando pela imensidão cósmica
Divagando perante a complexidade evolutiva
Procurando para o todo, uma resposta definitiva
Caos! Neste oceano caótico que chamam vida
Por vezes surgem padrões de organização
Tão magníficos como o sangue que pulsa no coração
E tão inspiradores como tu, ó minha doce paixão
As nuvens que percorrem o azul celestial
Produzem sentimentos neste ser bestial
Nos fractais que tornam as nuvens complexas e belas
Vejo representações de tua face tão bela entre elas
Se a vida é um caminho de espinhos e dor
Então quero eternamente provar de teu amor

Minha flor

As nuvens se desfazem no céu
E o sol espalha-se pela terra
As ondas acariciam as praias
E no ar as aves graciosamente voam
Meu coração por ti pulsa acelerado
Hemoglobina que se espalha pelo corpo
Sinapses constantes em meu encéfalo
Trazem-me recordações de você
Cânticos enamorados meus lábios entoam
Cânticos que falam de suas virtudes
Planeta que gira no vasto cosmos
Curvando o espaço, dilatando o tempo
Aglomerado molecular que aprendeu a amar
Sou eu que não me canso de te amar
Juras de amor que pelo vácuo eternamente ressoam
Proclamadas por meus lábios que anseiam por teus beijos
Juras que se espalham como radiação iônica
Produzindo para você esta doce composição sinfônica
Que guia no universo esta apresentação vital
Como o Sol que controla a força gravitacional
Gerando a caótica harmonia universal
Assim é ter você ao meu lado, meu amor
Contigo quero meus dias partilhar
Neste jardim que é o mundo, tu és minha flor

Queimando

Você é fogo que me queima
Eternamente fazendo-me delirar
Continue, não pare de me queimar
Você faz surgir esse desejo infernal
Faça meu corpo carbonizar
Transforme-me em um animal
Tu és o sol que explode em fogo
Queima minha pele
Destrua com fogo este ser
Faça com que eu seja parte de seu viver
Torne-me combustível para sua chama
Vamos queimar e queimar
Eternamente vamos nos amar
Aumente ao extremo este calor
Queime meu corpo com seu amor

Voamos juntos

Como uma abelha que voa pelo céu
Carrega consigo seu doce mel
Sempre em frente pelos ares
Sonhando com futuros além mares
De flor em flor voamos juntos
Buscando o imaculado néctar
Que compõe nossos doces sonhos
Voamos e voamos
Sem nunca descansar
Buscando pelo momento de amar
Como mariposa que segue o luar
Voamos em busca de nossa luz
Este sentimento é tu quem produz
Em uma palavra ele se traduz
Ao seu significado ele faz jus
Pois és tu que me seduz

Busca sem fim

Perfurava-se em nostalgia
Toda a dor era uma sintonia
Era apenas mais um que fugia
Do sofrimento de cada dia
Buscava o inalcançável e sofria
A cada passo entristecia
Cada minuto uma lágrima escorria
Sonhava se algum dia sorriria
Estava imerso em sua misantropia
De todos eles se escondia
A escuridão era quem ele preferia
Lugar onde ninguém o enxergaria
No escuro suas mágoas ele libertaria
E suas felicidades consigo guardaria
Para o futuro que esperaria
Quando o sol novamente brilharia
Para então num mar de alegria
Descobrir que logo morreria
E seu corpo apodreceria

Afogando-se

Afundava e afundava, lentamente
Líquido espesso fluía do pulmão até a mente
Infiltrando-se nas veias violentamente
Espalhando-se rapidamente
A respiração falhava de forma repugnante
Com o desespero, distorcido ficava o semblante
Rolava no nada, tentava seguir adiante
Não voltaria a ser como uma avoante
Estava fadado a afundar
Seguir diretamente ao fundo do mar
Logo seus pulmões iriam colapsar
Para nunca mais sentir o ar

Mensagem obscura

A fera que se desloca pelas sombras
O homem que percorre o escuro
A fome que impulsiona a ação
Parece mais uma assombração
Sou o demônio que te assombras
Trago mensagens do obscuro
Deixo-te com tua aflição
A morte é a minha motivação
Estas são mensagens macabras
Você não terá mais nenhum futuro
Teu corpo será minha refeição
Teu sangue me trará satisfação

Além do tempo

Muitas vezes me pego a questionar
Como pode um coração disparar
Com tamanha velocidade no peito badalar
Basta de mim você se aproximar
É como ser empurrado por uma onda no mar
Como uma grandiosa explosão solar
Magnífica sensação que não há como parar
Tê-la em meus braços para te amar
Tantas palavras para te elogiar
Originadas desta tentativa de demonstrar
Tudo o que sinto por ti e quero te falar
Que por você a minha vida há de continuar
Para que ao longo do tempo eu possa te beijar
E além do tempo e do espaço te amar

Domine minha mente

Tu és a luz que ilumina o universo
Tu és a flor que embeleza a minha vida
O tempo segue em frente, não pode ser reverso
E sei que o caminho que eu decida
Desejo que tu estejas sempre ao meu lado
Pois tu és a amada que preencheu meu vácuo infernal
Tu és o amor que me fez esquecer o solitário passado
Possibilitou que o futuro seja magnificamente celestial
A minha vida se faz em prol de sua presença, ó amor
Como um universo que se expande infinitamente
Sempre anseio pela energia de teu calor
Então me beije, domine os recantos de minha mente
Para que perante as estrelas eu possa sempre te admirar

Ao cruzar o teu olhar

O tempo é como uma flecha
Avança em frente e não possui volta
Nele estamos apenas de carona
Até que o tempo deixe de ser tempo
Ainda me recordo a primeira vez
Que cruzei o seu olhar
Ah! O bem que tu me fez!
Mostrou-me que é possível amar
Quanto tempo se passou
E quanto tempo ainda irá passar
É somente por você que aqui estou
Perto de você o tempo sempre parece parar
São dias, são meses, que venham os anos
Recheados de alegria e felicidade
A vida é magnífica quando juntos estamos

A Inquisição

Incriminado sem motivo
O herege seguia para a fogueira
A Inquisição, o amor de deus ativo
A causa da mente tomada pela cegueira
Confiscando os bens para a igreja “benévola”
Torturando os inocentes de forma malévola
Matando sob proteção divina
Torturando milhares em carnificina
A ganância dos *domini canes*
Mantinham os tribunais da Inquisição
Os pensadores ficavam sem ação
O povo em ignorância, ria da atração
Tempos obscuros do passado
Tempos não tão distantes
O cheiro de corpo assado
Ainda se faz presente nestes instantes
Pois o mal fanático reverbera
Ecoando através de toda Era
Que o passado não se repita, quem me dera!
Só resta a critica que algum pensador fizera
Haverá algum momento nesta terra
Em que o fanatismo deixará a nossa Era?

Nota: *domini canes* significa “cães de deus”.

As Crenças

O inocente morre
Morre em nome da cruz
Morre em nome do mito
Do inocente o sangue escorre
Sem opções e sem soluções
Fica imerso num mar de aflições
De todos os lados surgem acusações
Muitas sem definição
Palavras de ódio na acusação
Apenas para ver alguém na Inquisição
A morte certa
A morte imersa em tortura
A religião tem sua base obscura
O dinheiro é o que procura
Crenças têm todas a mesma origem
Originadas de um devaneio ou vertigem

Colapso Social

A decomposição social
Que se espalha em todos os meandros
Em todos os recantos
Não há futuro para a humanidade
O colapso se aproxima
Toda civilização tem sua queda
Quando passa a ser apenas história
Os pilares de nossa civilização estão ruindo
Não tardará
E você saberá
Quando o fim chegará?
E todo inocente chorará
Quando o hoje se tornar passado
Quando o futuro deixar de existir
Então tu irás sobre a vida refletir
Será tarde para se redimir
A sociedade deixou de existir

Eu lhe digo

Ah! Em tua ausência
Minha mente é tomada de saudades
Se em teu lindo semblante
Encontro a fonte de toda a vida
A tua presença, ó amada
Aquece meus pensamentos
Leva-me ao mais glorioso inferno
Meu corpo anseia por sentir o teu
Deslizando pela superfície de teu corpo
Minhas mãos querem sentir tua pele
Tão macia e sedosa
Em êxtase, minha boca
Fica sedenta por sentir teus beijos
Sede saciada por teu doce néctar
No silêncio da noite
Apenas ouvir tua respiração
E nossos corpos entrelaçados
Em um abraço eterno
Como se flutuássemos sobre as nuvens
Como se o universo fosse composto apenas por nós
Dois eternos apaixonados
Minha pulsação acelera
Quando juntos estamos formamos nosso próprio mundo
No qual, além do tempo e do espaço, eu lhe digo: Eu te amo

Tempestades

O vento do passado
Sopra atrás de nós
Impulsionando-nos
Rumo ao obscuro futuro
Um mar tempestuoso é a vida
Por vezes, os ventos do Tempo
Formam furacões e ciclones
Somos agitados violentamente
Girando sobre nossos próprios erros
São as tempestades que encontramos
Somente quando elas se desfazem
Novamente somos impulsionados
Pelo vento calmo e constante
Não seriam piores as calmarias?
Ficar parado
Sem seguir em frente
E sem voltar atrás
Quando não arriscamos errar
Permanecemos estagnados na vida
Mesmo sendo assustadoras
Todas as tempestades
Nos levam para algum lugar diferente
E dos erros adquirimos nossa sabedoria

Dogmas

Vê os fracos
Que se ocultam
Por detrás de suas máculas
Compostas de dogmas irracionais
Fujam para os colos maternais
Nas santas inexistentes
Encontram o consolo ignorante
A realidade é cruel e bondosa
Basta saber manejá-la
Mas os dogmas são descabidos
Deixam-te imersos no nada
No mundo dos não-pensantes
Ser vivente manipulável
Cérebro de conteúdo deplorável
Por que tu não pensas?
Por que tu não questionas?
A dúvida é a razão
A dúvida é a fonte da liberdade

O Medo

O medo
A ferramenta para controlar
Todas as mentes desolar
Correntes invisíveis
Que se prendem à mente
Tornam a realidade distorcida
E a esperança enfraquecida
O medo
Ferramenta auxiliar
Para os que irão governar
Ser nefasto
Para os que são governados
Criatura vil
Vampiro de liberdade
Propagador de insanidade
Mantenedor da irracionalidade

Hipocrisia II

O mundo é recheado de hipocrisia
As pessoas sempre se contradizem
As grandes instituições se contradizem
Em prol de mudanças de opiniões
Ou para conseguir várias premiações
Tirar vantagem diante de outros
Hipocrisia e contradição
Escapatória de uma situação
Nas palavras ditas
Proclamadas ao mundo
Um ideal defendido
No âmago do pensar
Escondido na imaginação
Um ideal diferente
Oposto e contraditório
Hipocrisia do simplório
Fede mais que lavatório

Beijo gélido

A morte veio
A morte chegou
A morte me acalentou
Ah! Doce beijo gélido!
O coração agora parou
O cérebro se esfacelou
E a vida inteira acabou
Ah! Doce beijo gélido!
A morte me capturou
A morte me apunhalou
E o mundo se apagou
Ah! Doce beijo gélido!
Por um momento a dor chegou
Em pouco tempo parou
E a escuridão foi o que sobrou
Ah! Doce beijo gélido!
O pesadelo da vida terminou
O vácuo absoluto me tomou
E o pó foi o que sobrou
Ah! Doce beijo gélido!

Abra os olhos

Tirem-me do escuro
Levem-me para a luz
Aqueles que vivem no escuro
Tornam-se cegos pelo irracional
Abra os olhos
E veja o mundo ao seu redor
A luz da razão está sobre nós
Basta abrir seus olhos e enxergar
Isso não te matará
Mas tua mente libertará
Uma luz de velas
Que com força e potência
Acaba com a escuridão dogmática
Uma luz de velas
Que propaga o saber
Faz o mundo todo viver
É a luz do saber
Basta você querer ver

Iluminismo

Luz da razão

Ilumina as mentes

Dos livres-pensadores

Trazendo conhecimentos esclarecedores

Fazendo um mundo de esplendores

Iluminando a dogmática escuridão

Procurando organizar a sociedade

Acabando com toda a adversidade

Não há pós-morte

Isso torna o indivíduo forte

Pois a vida ganha seu real valor

Quando iluminada pela razão e pelo amor

Ilumine-se com o saber

Tenha conhecimento para viver

Pois lhe faço saber

Que com a luz do saber

Iluminado você dever ser

Procure com a ciência se esclarecer

Meu bem querer

Cada palavra escrita
Cada ideia concebida
Qual é a razão de meu escrever?
Aonde encontro o meu bem querer?
Sou a água do rio
Que corre para você
Pois tu és o meu oceano
Aquela que eu tanto amo
Tu és o clima da primavera
Que traz o florescer para a vida
As palavras que eu escrevo sem parar
São assim por eu tanto te amar
Teu olhar é tão lindo
Sou matéria no espaço infindo
Atraído por tua gravidade, ó minha estrela
Tu és como a borboleta que voa
E eu sou como o vento que te acaricia
Doce felicidade que tu me propícia

Abaixo da terra

Tomado pela escuridão
No local em que os vivos
Permanecem eternamente calados
Como uma paixão avassaladora
O vácuo domina a vida, meu destino é a cova
Túmulo de mármore já gasto
Carcomido pelas intempéries
Nevralgia da eternidade vazia
Cuspam sobre mim os vivos
Pois estou morto
Nasci do assassínio
Sem palavras a declarar
Minha riqueza é este odor
Minha companhia são os vermes
Para a terra eu retornarei
Minhas moléculas se desfazem
Meus átomos estão se separando
O último espasmo da vida individual
Retornarei para o mundo
Finalmente livre
Após cumprir meu ciclo
Abraçado pela morte eu fui
Nada mais tenho
Somente o universo ao qual pertenço

Crendice

O inocente jaz no chão
Afundando na lama
Afogando-se em dogmas nefastos
Imputam-lhe falsas verdades
Para que calado permaneça
Forçam-no a aceitar
Tudo que vem da autoridade
Como se esta
Fosse dona absoluta da verdade
Acorrentado
O inocente permanece paralisado
Afagando-se em mentiras descabidas
Crenças irracionais
Tornam as pessoas ignorantes
Cegam-nas com a ilusão
E levam uma vida em vão

Sangria mental

O que pensar? O que dizer?
Tantos caminhos
Tomados de intempéries destrutivas
E eu, pensando em utopias
Escrevo para deixar o sangue escorrer
Sangria mental para não enlouquecer
Nas palavras transbordam os sentimentos
Sejam tristes ou felizes
Alguma coisa sempre escapa
Buraco palavreado que nada tapa
Para minha amada escrevo
Coisas que tu não lê
Das reflexões e tristezas
As palavras fogem para esse recanto
Felicidade é particular
Mas o sangue é comunitário
Todos querem provar
Nas lágrimas se banhar
Ver um coração parar
E a morte chegar

Pré-conceitos?

Por que as pessoas insistem?
Insistem em criar pré-conceitos?
Consideram um demônio
Aquele que pensa diferente
Qual é o mal em ter opiniões contrárias?
Cada pessoa pensa de uma forma
Bilhões e bilhões de opiniões
Toda pessoa tem seu pensar
Seu jeito especial de ver o mundo
Cada um é dono de sua mente
Tem seus deuses e suas superstições
Ou não!
Que mal há nisso?
A diversidade de ideias e opiniões
É que torna o mundo tão belo
Sempre algo novo para aprender
Compreender, entender e debater

Amor I

Amor, amor!
Em teus olhos
Ah! O esplendor!
Minha mente reverbera teu nome
Incansavelmente
Amor tão forte quanto raios gama
Por você que sinto essa gama
Como tudo em você me encanta
Para você sou uma ave
Que incansável canta
Meu doce amor
Para a vida trás esse calor

Aqueles olhos

Aqueles olhos!

Arranque-os!

Traga para mim!

Aqueles olhos

Era um magnífico olhar

Iluminado pelo luar

Eu queria aqueles olhos

Eu os queria para mim

Olhos tão belos!

Eu os quero

Eu procurei-os

Eu os encontrei

Agora tenho o que procurei

Tenho aqueles olhos

Com os quais sempre sonhei

Aqueles olhos

Arranquei-os!

Estão em minha frente

Num lindo vidro

Cheio de álcool

Lindos olhos!

Com a morte

Perderam sua cor

Mas serão eternamente meus

Eu sou

Eu sou a consequência
Originada de seus atos
Sou a vingança e sou o amor
Da morte me originei
E para morte retornarei
Na escuridão encontro o lar
Na névoa
Rubra como sangue
Encontro meu alimento
Seu sofrimento é minha glória
Sua morte minha vitória
Tua carne me alimenta
Energia que me sustenta
Quero tua proteína
Por que olhas o céu?
Não há nada lá em cima
Nada além do universo
Consumamos tua carne neste verso

Amor II

Entre o céu e a terra
Até mesmo além da atmosfera
Não há mulher como você
Anseio por sua presença
Quando estou desperto
E no reino dos sonhos
Tu me forneces alegria
Torna o mundo envolto em magia
Magnífico é te admirar
Quando estás diante de meu olhar
Ambos diante da lua
Fixa ao firmamento
Como é doce te amar
Pois tu és aquela
Para quem eu quero
Dedicar a minha vida inteira

Voltas do tempo

Tristeza do tempo que passa
Do tempo que passou
E do tempo que passará
Obstáculos superados
Obstáculos que ainda chegarão
Lágrimas caem no chão
Tristeza que se espalha ao vento
No fundo, sempre há sofrimento
Constante luta
Vida imersa em tormento
Não há deuses no firmamento
Ninguém ouve seu choro
Ninguém se importa com seu lamento
O egoísmo reina neste momento
O tempo avança em sua estrada
Onde você estava?

Amor III

A vida esse grande evento cósmico
Fruto da aleatoriedade caótica
Somos aglomerados moleculares
Organizados e moldados pela seleção natural
Nosso percurso foi longo
Até chegarmos ao presente
Qual seria o sentido da vida?
Não há sentido que agrade a mente humana
Pois nem tudo precisa ter sentido
A vida simplesmente é
Não precisa de um motivo
Para que viver então?
Para desfrutar dessa única oportunidade
Oportunidade de chorar e de sorrir
Que seja então um longo caminho
Para ser cuidadosamente aproveitado
Mas não é um caminho solitário
E o meu caminho nesta vida
Deve ser percorrido em tua companhia
Minha doce amada

Humano parasita

O humano é apenas um parasita
Que neste mundo habita
Delicia-se como um verme
Festejando na podridão
Formadora da sociedade
Ele surge na dor
E termina seus dias na dor
Passa a vida fugindo da morte
Uma fuga inevitável
A morte chega e se aproxima
Abraça todo ser
Sufocando-os
Acabando com o viver
Fazendo todos
Pararem de sofrer

O Fim

No fim o que há afinal?
Para quem aqui chegou
Tudo mais acabou?
A vida aqui terminou
O sangue pelo chão se espalhou
Carne em putrefação foi que restou
Por que você não se enforcou?
Sua mente já queimou
A desgraça já se espalhou
Nenhum verso rimou
O papel já acabou
A tinta já ressecou
Este é o fim
O fim para mim
A escuridão...
Nada mais
Nada para sentir, nada para pensar
Nada mais a declarar...